



MONTE ALVERNE

Poética Seráfica

Frassino Machado

Lisboa 2013

DEDICATÓRIA



*A Sua Santidade o papa Francisco de quem, neste
Ano da Fé, muito tem a esperar toda a Humanidade!*



PREFÁCIO

No pretérito 2009 celebrámos os 800 anos da fundação da Ordem Franciscana. No vindouiro 2017 celebraremos o VIII centenário da chegada dos primeiros discípulos de Francisco a Portugal. Entre estes dois jubileus franciscanos da “graça das origens”, estamos a celebrar neste ano da graça de 2013, o VIII centenário da doação do Monte Alverne a São Francisco de Assis por parte do Conde Orlando di Chiusi. As fontes franciscanas registam nestes termos o acontecimento: «Disse Orlando a São Francisco: *“Tenho na Toscana um monte devoto que se chama Alverne, o qual é muito solitário e selvagem, ótimo para quem queira fazer penitência, num lugar afastado das pessoas, ou para quem deseje uma vida solitária. Se for do teu agrado, com prazer posso doá-lo a ti e a teus companheiros”*».

Desde então, os Frades Menores nunca mais abandonaram este místico lugar tão amado por Francisco e tão inspirador para todos os seus seguidores. E se há lugares que marcam as pessoas, não é menos verdade que há pessoas que marcam os lugares. Francisco foi um desses homens que nos redesenhou uma topografia mística e poética que tem o *Monte Alverne* como centro geodésico. É que o amor deixa marcas. E no Alverne Francisco experimentou de forma única como são fecundas as marcas do Amor maior. Um dia, arrebatado pela contemplação da paixão de Cristo fizera este pedido a Deus: *«Que eu sinta, no meu coração, tanto quanto for possível, aquele excessivo amor, do qual Tu, filho de Deus, estavas inflamado, para voluntariamente suportar uma tal Paixão por nós pecadores»*. Sabemos que esta prece foi atendida. Mas o *Poverelo* não foi o único beneficiário de tão excelsa graça. Desde então, muitos outros viveram, pregaram e escreveram inflamados pelo mesmo fogo seráfico.

O poeta que neste livro se nos apresenta em “sinceros versos” bebe desta mesma fonte inesgotável, sempre nova e tão antiga. O título de *“Monte Alverne”* remete-nos para essa matriz menorítica e ascensional em que o autor se insere por formação mas sobretudo por consanguinidade. Numa polifonia de poemas seráficos, entremeados por algumas “florinhas” candidatas a antologia, Frassino Machado homenageia, de uma só assentada, o *Poeta de Assis* e os “franciscanos” de todos os lugares e tempos. Nesse “Irmão de tudo o que Deus nos deu” e que inventou um novo “mundo que o mundo desconheceu”, o poeta de hoje encontra o fôlego para olhar este nosso mundo e todas as suas criaturas com anseios de uma esperança já realizada. É que até no mistério do sofrimento dos leprosos que abundam, há uma “doçura” que só o santo e o poeta vislumbram.

Razão pela qual, o *Alverne* de Francisco não dista muito das “ásperas montanhas” que Antero, Pascoais ou Frei Adelino escalarão. Mas é também o nosso monte, onde nos retiramos para bebermos da fonte; é a subida que a todos compete enfrentar na “prova” da vida, como atletas do sublime e “romeiros do infinito e da virtude”; é o trilho comum das nossas chagas e dores donde podem brotar “meigas flores”, umas em forma de poético diário, outras à maneira de rosário ou coroa seráfica.

Quanto a mim, indigno da honra que me foi dada de abrir ao leitor a porta onde moram trovadores, e ciente de que ferrolhos destes só se abrem “por dentro” ou pelos que moram no templo, não me resta senão bendizer o Altíssimo por toda a beleza que dele nos vem e nos embeleza a nós também:

Louvado sejas meu Senhor,
Por nosso irmão Francisco do Alverne,
Pelos outros Franciscos, de Roma ou do nosso povo.
E pelos jograis de Deus com o mesmo nome
Que em capitais de amor e acrósticos de fogo
Continuam a declamar a boa nova: *Habemus Homo!*
E Homem Novo!

Fr. Isidro Lamelas, ofm

INTRODUÇÃO

Fazem estes poemas parte de um longo caminhar e de um devir estruturado numa vivência profícua, repartida com os meus amigos e companheiros da “geração franciscana”.

Há já mais de três decénios que esta vivência vem ocorrendo a partir das mais diversas experiências e nos mais variados campos, nomeadamente nas artes litúrgicas, musicais e literárias.

Tendo, por este motivo, bastante afinidade e direi mesmo concordância dos ideais defendidos pelos que se dizem seguidores dessa “geração”, posso afirmar que eles são também pela minha parte assumidos...

Dedico assim estes meus versos senão na sua fisionomia literária – que é formalmente singela – mas naquilo que eles representam como testemunho e, acima de tudo, pela intrínseca mensagem que comportam, a todos aqueles que comigo partilharam ou têm partilhado esta experiência.

No contexto vivido nos dias de hoje, em que as opções existenciais se projectam cada vez mais no sentido da ostentação do poder generalizado e da grandeza personificada em modelos prometaicos, encarnados pelos dignitários das Nações, justificar-se-ia um regresso de todos os que se assumem como filhos da cidadania às origens da nossa verdadeira transcendência: nada vale e nada se tem que não devamos ao Criador.

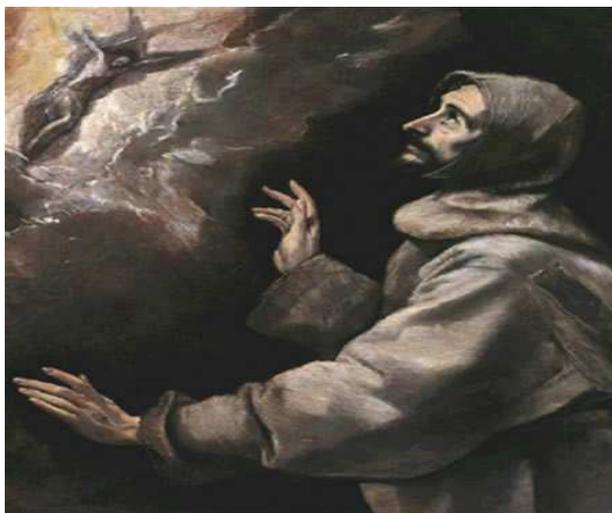
Ninguém mais que o Santo de Assis denunciou e viveu esta mesma transcendência no seu próprio tempo.

Apesar do seu testemunho de vida ser reconhecido, pelos referidos dignitários, como exemplo a seguir-se – recordemos a sua proclamação «urbi et orbi», e por unanimidade, como patrono da mesma ONU, da Natureza e da Ecologia Universal – até ao presente essa proclamação ainda não saiu dos escaparates da tribuna das palavras...

Pelos sinais dos tempos que correm, apenas uma postura applicativa deste ideário poderia – estou convicto – assumir-se como a única arma capaz de vergar e conduzir o mundo ao porto da realização e da paz.

O Autor

I - IRMÃO FRANCISCO



CÂNTICO DO IRMÃO SOL

*“Mui Alto, Onnipotente e bom Senhor,
Honra e glória a Ti
Só Te devemos dar,
Porque só Tu, Altíssimo, o mereces,
Indignos somos nós de Te invocar!”*

São Francisco de Assis

FRANCISCO – ESPELHO DE CRISTO

Com uma crença firme, viva e clara,
Riscarei meus sinceros rudes versos –
Ínfimo testemunho ao Grão Varão...
Seja esta minha empresa, mais que rara,
Tudo o que é raro aos sonhos mais diversos
Onde cante a Assisiense Geração.

Filho de geração com pergaminhos,
Refulgente alvorada de candura,
Auréola transparente dos caminhos
Nacarados e alegres da aventura.
Caloroso jogral alevantado,
Imerso nos mistérios da Natura,
Sorrindo jovial, enamorado
Carinhoso de toda a criatura
Ousando a exaltação do Criador.

Amor – fundo alicerce de sua alma,
Maior tesouro que valeu tesouros,
Onde mataram sua sede, em calma,
Rústicos corações e seres vindouros!

Pobre viveu em tudo o que era seu,
Ouro, prata, diamantes – suas obras –
Bênçãos de Deus que foram, cá na terra,
Refúgio livre dos mais pobres órfãos
E dos mais temerosos que nas dobras
Zelavam, do seu manto, a sua guerra,
A guerra dos seus próprios sonhos vãos.

A máxima vontade e aspiração
Baseou-a toda em Cristo-sofredor,
Não sem se fazer jovem na alegria
E sem deixar de ser um folgazão.
Ganhou, no entanto, com o seu ardor
Amigos simples na sabedoria,
Colegas sábios na simplicidade,
Aos quais levou ao ter prazer na dor
Ou ao sofrer alegres na caridade.

O CHÃO DO ALVERNE

Meu amor, minha vida e horizonte,
Em ti eu descobri a luz perene
Que é parte de mim, irmão Alverne,
Guia da minha Fé e minha Fonte.

Foi entre mim e ti lançada a ponte
Que me fez ver a Deus em lausperene
Numa oração singela mas solene
Com lágrimas de suor na minha fronte.

Rasguei neste meu peito o vil ciúme
Que me fez vislumbrar do alto cume
Que no mundo o Amor não é amado...

Matei a sede e a fome como pude
Doei ao meu Senhor minha saúde
Em troca do teu chão que fiz sagrado.

Ó Monte Santo, ó bela alvorada,
Minha Paixão, meu Sonho e meu cuidado,
És para mim o Bem e a Paz sonhada!

MEU IRMÃO LOBO

Meu irmão Lobo, que recolhes,
Todo o pão da montanha agreste
Tu és aquela voz silvestre
Num rouco uivo em que t'acolhes.

Os ruins lobos qu' ao mundo vêm
São para ti os malfeitores
Que em todo o bem são devedores
Daquela paz que a alma tem.

Não tens o sol, mas tens a lua,
E tens a negra noite nua
Mais as estrelas refulgentes.

Ó lobo, coração bravio,
Rasga de mim neste arrepio
O fogo atroz das frias gentes!

A TENTAÇÃO DO ALVERNE

Eu tenho nestes pés chagados,
Trilhos ignotos percorridos,
Sem cravos, ásperos e fendidos,
De reptos vãos já desgastados.

Sinto minhas mãos que semearam
Palavras de vida preenchida
Corre o sangue daquela ferida
Dos frutos que não desabrocharam.

Meu pé direito, minha fé,
Meu pé esquerdo, minha agrura,
Corpo exangue da criatura
Na chama acesa que não vê...

Senhor meu, Deus meu, minhas dores,
Faz destas chagas meigas flores!

S. FRANCISCO E A ORAÇÃO

I

Ver São Francisco a orar,
Ver São Francisco rezando
Incendiado de amor...
Já era uma oração, um arfar
Que se sentia dentro do coração
De cada um!...

Ver São Francisco orando,
Ver São Francisco a rezar
Inflamado em ardor...
Era sentir emoção, um chorar
Que morava dentro da alma
De cada um!...

Ver São Francisco a rogar,
Ver São Francisco chamando
E à porta do céu bater...
Era o mesmo que sentir a bater
Cá dentro no íntimo sagrado
De cada um!...

Ver São Francisco a chamar,
Ver São Francisco rogando
Para cada um, o pão, a vida...
Já era ter a vida, o pão,
A água pura do amor puro...
Enfim, a Paz!...

Ver São Francisco a cantar
Ver São Francisco gritando
A toda a Natureza irmã...
Era já ter o perdão, um sorrir
A alegria e a esperança
Enfim, a Paz e o Bem!...

II

Eis a sublime visão -
Visão de vida, de amor, de perdão –
“São Francisco – Cristo Jesus”:
Um diálogo singular, cheio de luz,
Dia a dia desfiando, longo...
Era o esquecimento, o amor, tanto faz,
Que para ele...só Ele era!

Visão redentora, não quimera,
Visão de refrigério e de Paz!

Visão de refrigério...
Cujo lema todos eram
Pois a todos, aos irmãos todos,
Aos irmãos pobres, desprezados,
“Esfomeados”, cuja família era a “dor”,
Ele abarcava...
Tangendo em seu saltério,
Suave melodia
Da sua lira de Trovador!

III

PAI-NOSSO que estais no Céu,
Exclamava ele, miríades por dia,
Num arrebatamento sem véu
Que a todos contagiava
Numa voluntária prece...
Prece uníssona que ecoava
Docemente até às fímbrias mais cruas!

Venha a nós o Vosso REINO!
Clamava para o céu, extático,
Pedindo obreiros para a messe –
A messe do Senhor que é grande –
E o herói tem que ser fantástico!

Seja a Vossa vontade feita!
Tudo por Ele e para Ele,
Que a nossa vida inteira
A Ele está sujeita!

O PÃO-NOSSO...
Que a fome é grande e tudo despedaça
Mas, primeiro que tudo,
O amor e a Graça!

Perdoai-nos as nossas ofensas,
Rezava S. Francisco a Deus:
“Que o Seu Filho Divino,
Por causa dos erros meus,
Suportou na Cruz dores imensas”.

Assim como nós perdoamos
Aos que nos ofendem!
“Também perdoaste, bem lembramos”!

IV

Era assim que São Francisco
Sentia e vivia a sua oração.

Era assim que ele cumpria
A sua singela mensagem...

Era assim que ele sorria,
Nas dores atrozes de si mesmo,

Para as andorinhas que esvoaçavam
No seio infinito da paisagem!

Ele rezava para louvar;
Rezava para agradecer;
Rezava, que a sua alma
Não estava só,
Pois tinha os outros a olhar...
Ele rezava para viver...
E viveu.
E colheu por fim a palma
Da Glória e da Verdade.
Colheu a Fé e o Amor
Nos que ficaram vivendo
Para a Eternidade!

V

Comunicavam-se-lhe, pelas manhãs,
Raios de amor em toda a criatura –
Indícios suaves duma alma imensa
Anelando no mundo a doce paz.
Tudo em si, natureza e ventura,
Ufanava à sua volta uma extensa
Raridade de alegres corações
Ansiosos por amarem com fé pura:
Santo Ideal, o mais nobre dos braços!

E não combateu ele em vão por isto.
Vem-lhe de longas fontes, alto preito
Àquela mensagem do amado Cristo
Na qual ele bebeu o seu ardor
Grandioso, e à qual sempre foi sujeito.
Esta sua mui nobre lealdade,
Luta, insónia, trégua e dissabor,
Houve de sofrer bem. Tão alto feito
Ousou de o conduzir à Santidade!

Com isto chega ao termo esta mensagem
Rude, sincera e que hasteei ao vento...
Urge à Cruz lançar mãos e co' esta imagem,
Zombar da dor em prol do Firmamento!

O CÂNTICO DE S. FRANCISCO

Deus – Maestro sublime do Universo,
Criador Onnipotente da Natureza
Em cujo seio carece, num só verso,
Um engenho capaz de tal grandeza!

Trovadores e jograis experimentaram,
Com as liras, cantares e destreza,
O mundo em Paraíso transformar
E não mais conseguiram que deixar
Após si as misérias que aumentaram!

Mas eis que surge na hora mais suprema
Na pátria de Virgílio que, enevoadado,
Se transformou perante tal bravura,
O mor dos cavaleiros que por lema
Rasgou na terra, em sulco bem vincado,
Santa Alegria em toda a criatura.

Foi ele São Francisco – o Poverelo –
O maior dos maiores trovadores,
O maior dos maiores tangedores
Na harpa da Natureza e do Belo!

O Arauto de Deus, o suave cantor
Que com as avezinhas, suas irmãs,
Se enamorou dos bosques e das fontes
Cantando em testemunho do vero Amor

Da sua alma, todas as manhãs,
Se emanava, em novos horizontes,
Um hino de pureza ao Criador:
Com as belas andorinhas ele cantava,
Ao lobo, seu irmão, ele segredava
Um hino de doçura em melodia.

Rezava a cantar, cantava orando...
Ele exultava, cantava e ria,
Quando nas ruas sofria caminhando.

O Seráfico Pai não era mestre
E nem compositor de alta fama
Mas o seu coração lhe ardia em chama
E lhe ditava um Cântico celeste...

Às vezes inebriado, ao pôr-do-sol,
Ia escutar o ténue ribeirinho,
Que serpenteava a cantar mansinho,
Desafiando o nocturno rouxinol.
Notando que, ele próprio, lacrimante,
Murmurava uma prece a cada passo...
Então o Assisiense Menestrel
Retribuía um hino apaixonante
Àquele que o encerrara em seu burel.

Ele cantava com o próprio vento,
Ele aspirava a brisa docemente,
Ele amava cantando para os seus...
E os seus esqueciam seu tormento
Adormecendo a cantar eternamente
Um novo hino na mansão de Deus!

DEUS – CRIAÇÃO – POVERELO

Mui alto, Omnipotente e Bom Senhor,
Que do nada formaste a Criação,
Que do nada tiraste o ser humano,
Dá-me uma outra Luz, um longo ardor
Que roube à escuridão um novo plano
Com que possa cantar-Vos co' emoção!

O bem que foi criado para bondade
Das suas mãos saiu ufano e puro
E fez subir o homem à Verdade,
À verdade sem choro e sem pão duro!

Aquela pedra dorme no caminho
À espera dos meus passos sempre incertos;
O vento faz vibrar, mui de mansinho,
As plantas verdejantes deste vale.

E além aqueles gineceus abertos,
Esperando a semente natural,
Que vai fazer brotar à Natureza
Um canto doce em Primavera amena.

Além, na amplidão do Firmamento,
Ouço gorjear as negras andorinhas
E sinto quanto é bela a singeleza
Da feliz alma a sorrir serena...

Ouço também, neste feliz momento,
Um medroso gri-gri nas buraquinhas
Dos trilhos sinuosos poeirentos
Que se abrem a meus pés mui redondinhas...

Sinto ainda no âmago de minha alma
Um amoroso arfar do Poverelo
Que amava – quem me dera amar também –
Da doce Natureza a suave calma,
Da doce mão de Deus o Seu Amor,
Das doces aves seu cantar singelo
E a pura brisa que do leste vem...

Porém, acima de tudo, ele amava
Da criatura a última parcela:
Amava seus irmãos, amava o homem,
E mitigar as dores só sonhava
Dos corações que na penumbra dormem...

Por este Ideal meu coração anela,
Por este Ideal também sonho um dia
Que espero na maior ansiedade...

Faz-me, Senhor, em doce melodia,
Trilhar as fundas veias do caminho
Que só conduz ao reino da Verdade...

Quero também *poverelar* sozinho:
Amando a Criação, amando Deus,
E abraçar sequioso os irmãos meus!

MEU IRMÃO-SOL

O sol e a terra,
Suas vozes unidas,
Do pai São Francisco
Cantam a grandeza.
Seu nome na história
Sempre exaltado
Descobre a vitória
Pela pobreza.

Ó Sol, meu irmão,
Ó minha irmã flor,
Cantemos nosso Pai
Cantemos o Senhor!

Gerado por Assis
Ao mundo cristão
Tornou-se na Igreja
Alicerce tenaz.
Por seu ministério,
Semeando o bem,
Deus trouxe à terra
Alegria e paz.

Se do Evangelho
Ele prega as leis
A turba ouve dócil
Os conselhos seus.
De fé viva e pura
Ele vai moldando,
Em toda a criatura,
A imagem de Deus.

BALADA DE SÃO FRANCISCO

Homenagem ao Papa
Francisco I, 2013 - ...

Amanhã
O irmão Sol vai de novo nascer,
A irmã Água vai de novo correr,
O irmão Fogo uma vez mais
Vai arder...

E cada homem,
Teu irmão,
Continua a sofrer
Esperando por ti,
Num abraço de paz,
Numa palavra de amor:

São Francisco,
São Francisco –
Irmão de tudo quanto
Deus nos deu:
Da pedra da montanha,
Do espinho e da flor,
Da avezinha do céu,
Do frio e do calor!

SÃO FRANCISCO,
SÃO FRANCISCO!

Amanhã
A irmã Lua vai de novo voltar,
A irmã estrela vai de novo brilhar,
A irmã noite uma vez mais
Vai reinar...

E cada homem,
Teu irmão ...

II - O ÓSCULO DO LEPROSO

*Não houve quem voltasse,
Para dar glória a Deus,
Senão este estrangeiro?
E disse-lhe: levanta-te e vai;
A tua fé te salvou!*

Lucas 17, 18-19

1 – A GÉNESE FRANCISCANA

Transitava Francisco por virtude
Os seus caminhos verdes da esperança
Procurando um ideal em amplitude
O qual se esfumava na tardança.

Sua alma sentia-se inquieta
Em sonhos de um intenso e grande ardor:
Seria cavaleiro, jogral, asceta,
Ou simples militante do labor?

Todo o caminho percorreu ansioso,
Todas as profissões lhe foram dadas
Experimentar. Mas, mais que generoso,
As ilusões não foram desvendadas.

Até que um dia, indo a passear,
Em manhã de radioso prometer,
E vagueando sem rumo a cavalgar
Veio um estranho facto suceder:

(Era em Assis, nas suas cercanias)
Olhava a Natureza em mil festejos,
E o seu alto pensar em correrias,
Que a alma incendiava de lampejos.

Na volta do caminho, inesperado,
Surgiu em seu andar leproso horrível...
Estremeceu em si horrorizado
E ia lançar fuga desprezível.

Seria uma atitude de covarde
E não digna de alto cavaleiro
Da qual se tornaria, cedo ou tarde,
Tributário num fraco e vil dinheiro...

Por isso o seu cavalo refreou
E, tendo dominado o próprio horror,
Descobriu finalmente o que sonhou:
Sem recompensa, saber dar amor!...

Saltando da montada, enobrecido,
Avançou a dar a mão ao desgraçado
Que vivia por ali apodrecido
E de todas as gentes desprezado.

Alargou-lhe uma esmola radioso
E, tendo-lhe beijado sua mão,
Recebeu dele em paga um tão bondoso
Abraço de incontida estimação.

No rosto Assisiense o Amor sorriu,
Na alma do leproso o amor nasceu:
Eis um Ideal supremo que floriu
Eis um mundo que o mundo conheceu!

O leproso partiu pela via fora
E Francisco voltou ao lar paterno
Inundado de luz – a Luz da Aurora –
Dourado ansiar que transformou eterno!

2 – O SONHO DE FRANCISCO

A noite a sua tez escura assome
E o vento remurmura em lenta vaga...
Francisco Bernardão na cela dorme
E num sonho profundo já naufraga...

ÓSCULO I – O Poverelo

“Ó bem-aventurado e santo pobre
Que recordas de Cristo sua bondade
Vivendo nesses montes solitário!

Ó desprezado ancião que és bem nobre
E transpareces na alma a claridade
Cá neste cruel ermo temporário!

Queria como tu assim doente
E cheio de mazelas em sobejo,
Fazer-me sempre alegre e paciente
E saber dar a todos o teu beijo.

Se em ti eu encontrei o meu sarar
E vim a descobrir o que é o Amor,
Regressa novamente em teu beijar
E que o mundo conheça o teu sabor!”

ÓSCULO II – O Poverelo

“Amigo, vem fazer-me companhia
Com o nosso Irmão-Sol além do leste
E traz-me um beijo como o que me deste
Naquele esperançoso e ledó dia.

Eu sei que a vida é triste, negra e fria,
E conhecê-la bem tu me fizeste...
Mas para que se torne em Bem celeste
Vem até mim viver em alegria.

Repara para o mundo. Que estás vendo?
Mazelas como as tuas – um mal horrendo –
Que atinge a natureza, a vida, os lares...

Para que tu não fiques sem amparo
E não percas a alma – um dom tão raro –
O meu Senhor ´stá aqui para que sares!”

ÓSCULO III – O Poverelo

“O beijo que me deste cintilante
Foi para mim orvalho em madrugada
E de Deus a mensagem enviada
A este triste e pobre caminhante.

Já sinto a brilhar a estrela errante,
Que antes só era escuridão e nada;
Já vejo a minha vida transformada
E o coração a abrir-se apaixonante.

A amargura da lepra redimida
Passou por ti tornando-se embalada
Num sonho duma voz desconhecida...

Essa voz que me segue e me alcança
É a voz sublime, pura, imaculada:
É a Voz do Senhor, a Voz da esperança!”

ÓSCULO IV – O leproso

“Meu benfeitor e Pai, tua alegria
Me transformou a alma de repente...
Com este facto a minha dor pungente
Não é a mesma que antes eu sentia.

Os teus lábios tocaram docemente
A horrível podridão que me envolvia
E notei que tua alma estremecia
De meiga caridade refulgente.

Mas deixa-me falar-te, Pai. Escuta:
Não vês como é tenaz a minha luta
Cá neste vale de penas infinito?

Minha dor, como a tua, já não cansa –
O teu braço de paz a tornou mansa...
Ouvindo, mais além, *medonho grito...*”

ÓSCULO V – O cego

“Mundo escuro, onde está a claridade?
Quero ver como tu a lua cheia
E o sol que imensos astros incendeia!

Quero lançar as mãos à tua idade
E afastar a prisão que me rodeia
Num sonho enorme que minha alma anseia!

Ó triste solidão, não posso ver!
Meus olhos estão fechados à luz pura
Que toda a vida humana transfigura
Numa esperançosa fome de viver!

Dizem ser tão formosa a Criação,
Dizem que é belo contemplar os céus
E também que é bondoso o justo Deus!
Ajuda-me a olhar, querido irmão!”

ÓSCULO VI – O surdo

“Eu caminho em minha vida
Sem saber o que é o Amor:
Tão bela palavra em flor
E nunca por mim ouvida!

Em tal pena consumida
Vai finando o meu ardor,
Que a Nova do Criador
Jamais eu terei sentida!

Com esta minha tristeza
Não tem vida a Natureza
Que o meu olhar conheceu!

Vejo, irmão, em tua face
Um sorriso que renasce
Mas não ouço o Canto teu!”

ÓSCULO VII – O mudo

“Sinto-me mais que humilhado
Pela minha infelicidade:
Um *sim*, jamais será dado
E um *Não* será a verdade.

É doce o nome de Deus,
É doce o nome de Irmão,
Mas por mal dos erros meus
Meus lábios não moverão.

Estou ouvindo ais gemedores
Da boca de uma criança
Os quais me parecem flores!

E esta luz que me retém
Mas que me não dá esperança
Pois não posso dizer *Amem!*”

ÓSCULO VIII – O paralítico

“Não posso palmilhar os meus caminhos
E nem louvar dançando meus cantares,
Não posso planear os meus sonhos
Pois cairão sem força bem mesquinhos.

Mais felizes serão os pobrezinhos
Percorrendo contentes os ternos lares
Para um naco de pão lhes entregares...
E eu cá espero ansioso alguns carinhos!

Além, na borda, há flores no carreiro,
Flores murchas por falta de humidade –
São minhas companheiras dia inteiro!

Na frescura da fonte, suave mansão:
Meus hirtos membros sem vitalidade
Não podem ir buscar a salvação!”

ÓSCULO IX – O esfomeado

“Corpos sem alimento que se somem,
Crianças inocentes sem sustento
E vidas que na morte quase dormem!

Nas soleiras da fome oramos pão
Trespassados de rude sofrimento
E quase sempre nos pagam com um *não*!

Pode brilhar no Céu o sol dourado
E as estrelas na noite bem doiradas,
Se na terra houver gentes apagadas
Jamais haverá pão pr’ o esfomeado!

Ó homens de fortunas abastadas,
Lançai um fulvo olhar ao vosso lado
E vede das misérias o resultado:
A guerra, a peste, a fome, de mãos dadas!”

ÓSCULO X – O leproso

“Vês, meu Pai, que profundo lodaçal
De misérias, tristezas e injúrias,
De dores, abandono e lamúrias,
E uma confusão torpe e infernal?

É um nunca terminar de vendaval
De doenças e mazelas às centúrias,
De fomes, desesperos (tristes fúrias)
E uma desordenada fé moral!

Circunda ali bem perto a inquieta morte
Destes humanos seres caminantes
Que trilham rumo incerto e sem norte.

Talvez que tuas virtudes fecundantes
Os levem todos em feliz transporte
À quietude das almas triunfantes!”...

ÓSCULO XI – O Poverelo

“Irmão meu, eis a esperança em criatura:
Cristo jovem, sublime, forte e belo,
Que te espera com cândido desvelo,
Se a tua alma tornares bela e pura!

Vês Seu rosto inundado de ternura?
Não ouves Seu bondoso e vero apelo?
Em tua viva alma estou a vê-Lo
Dando-te uma das mãos em tua agrura!

Esse teu sofrimento é aliança
E o teu rosto – rosto de Criança –
Terás iluminado em Seu sorriso!

Pregado à tua enxerga serás Santo
E subirás feliz em teu encanto
À Pátria de Jesus – ao Paraíso!”

ÓSCULO XII – O Poverelo

“Vejo teu rosto triste e macerado,
Sei compreender as dores e queixumes
Que brotam num coração angustiado!

Essa tua expressão espavorida
E vazia de âmagos perfumes
Tem fome de um amor e de uma vida!

Quero lembrar-te o doce Nazareno
Que deixava tocar o Seu vestido
Para que alguém, de aspecto dolorido,
Ficasse preso num arfar sereno!

E aquele enfermo em sua dor atroz
Que não deixava de lançar seu brado?
Não foi em vão pois que ele foi curado
Quando Jesus lhe dirigiu a Voz!”

ÓSCULO XIII – O Poverelo

“Ouves, ó doce irmão, o que é a Verdade
E onde chega o humano coração?
- Em todo o sofrimento devoção
E em toda a devoção a humildade!

Antes de ti, recorda a bondade
Que te deixou Jesus na Redenção:
Estende para todos a tua mão
E ajuda a redimir a Humanidade!

Na pobre habitação ou no caminho
Escuta bem a Voz do teu Senhor
Que guia os teus passos sempre certos.

Essa Voz é a voz do teu vizinho
Que, enfermo, solicita algum amor
E para ti os braços tem abertos!”

3 – A AURORA SERÁFICA

I

O rocio adolescente amanhecia
E o sol beijava as encarnadas rosas
Que faziam cantar a cotovia
Em frescas melodias primorosas.

Francisco recordava e diluía
As centelhas da noite rumorosas,
E a chama dentro da alma já trazia
Para que as gentes fossem bem ditosas.

Ó quão duro seria tal montanha
E quão cruéis seriam tais tormentos
Num sonho em confusão e cor estranha!

Mas era bem real. Era uma Cruz
De mazelas, de chagas e lamentos
E, no centro de tudo, o Bom Jesus!

II

Restava agora calcorrear a estrada,
Qual intrepidez pura em rouxinol
E sonhadora alma enfeitiçada,
Que o levaria alegre até o Sol.

Há trovões no penhasco turbulento
E a borrasca, açoitando a paz das fontes,
Confessa a enfermidade e o tormento
Dos terrenos e humanos horizontes.

Francisco vai seguir de Cristo o rasto:
-Aquelas multidões já fascinadas
P' lo rosto divinal, bondoso e casto!

Os enfermos beijavam as passadas
Do Rabi, dia a dia e sem repasto,
À espera das saúdes suspiradas!

III

Descobriu Francisco seu anseio
E seu belo Ideal de chama ardente –
Que a graça de Deus em jorros veio
Ressumar bem clara e transparente.

E se no mundo houve alguém doente,
Ou de corpo mutilado e feio,
Pôde transmitir um ardor quente
Que fez exclamar a todos: creio!

O confuso sonho fez-se claro
E o santo surgiu descalço e só
Sem bordão, vestido ou amparo:

Cristo, no leproso, a chamá-lo
E o leproso a ressurgir do pó...
Correndo, Francisco a abraça-lo!

IV

Aos ledos solitários conventinhos
Chegavam mil enfermos esperançosos
Vindos de muitas terras lastimosos
Procurando remédio em seus espinhos.

E Francisco corria pelos caminhos
Onde o triste sofrer, grilhões rugosos,
Sua virtude convertia em gozos
E em alvura perene de arminhos.

Logo após, no silêncio do sol-posto,
Contempla o Poverelo o seu Senhor
Que o elevou tão alto em humildade.

Um sereno sorrir lhe assume o rosto
E ao esperar o matutino alvor
Sente dentro de si a Felicidade!

V

Um dia frei Francisco muito ufano
Regressava de Edessa, fiel condado,
À procura de um barco ancorado
Passando junto a um negro maometano.

Este avistando o pobre franciscano
Cortou-lhe seu andar desesperado
E perguntou com repetido brado:
-Onde vais tão fogoso, ó romano?

-Deixa-me, pois alguém está enfermo
E bem ferido por cruéis abrolhos
Do outro lado do mar!

E o Agareno lá se quedou ermo,
Seguindo aquele barco com seus olhos,
Ficando a suspirar!...

VI

E já mais tarde, tendo as mãos abertas,
E ferido atrozmente o casto peito,
Ficou à escuridão também sujeito...

E o Seráfico Pai de mãos erectas
Erguia aos céus, àquele Bom Jesus,
O seu intenso amor cheio de luz!...

Todos choraram em copioso pranto
A cruel despedida de um vivente
Que partiu para Deus, feliz, contente,
A receber os louros de feliz Santo.

E cá na terra, presos em seus leitos,
E de vezes com dores cruciantes,
Ficaram mil enfermos confiantes
Do exemplo de Francisco bem refeitos!...

VII

Pela íngreme estrada pedregosa,
Exposto seu burel aos rudes cardos,
Sobe um mendigo de expressão penosa
Mas, num sorriso, os lábios perfumados.

No alto se ergue erma e tenebrosa
Uma pobre cabana de exilados:
Dois seres de uma vida angustiosa
À sombra do desprezo abandonados.

Jaz naquela enxovia um leproso,
Uma alma sem seiva de ternura
E com ela a miséria, a dor, a agrura...

De presto surge o Sol e um *ai* ditoso
Só pôde ali conter estreito laço
Num ósculo de Amor e num Abraço!...

4 – COROLÁRIO CONTEMPORÂNEO

I

Sufrimento é um mistério que rodeia
A humanidade que, sem Luz nem Fé,
Num oceano profundo, só, vagueia,
Procurando encontrar o que não vê...

Sufrimento é um escuro ondear incerto
Que paira num monstruoso e turvo mar
Qual froixa embarcação de rumo inquieto
À deriva e sem norte para a guiar!

Ó lágrima salgada e chorada,
Eterna herança de quem ama a vida,
Porque não secas e não vês os céus?

Espera que retorne a alvorada
E com ela uma esperança difundida
Que te sustente e te transporte a Deus!...

II

O som do bronze na floresta soa
Por entre os ramalhais em melodias:
É hora de calor, hora de noa,
É hora de tristezas e alegrias!

Mas há alguém que passa nesta altura:
Voltada ao chão a triste face estranha,
E sobre a calva, em reluzente alvura,
Um rugoso suor que a tez lhe banha.

Já vai chegando ao limiar da margem –
E na floresta o passaredo voa
E tudo esquece o tormentoso dano –

O velho segue a íngreme viagem...
Apenas, sorridente, um hino entoado
Um bondoso irmão seu, um franciscano!

III

Penas e trabalhos, mais confunde
O eterno rumorejar do homem
Num volver de olhos que se movem
Onde o nó da vida se difunde.

Renasce nas virtudes que te formem
Em perene Luz que te deslumbre –
A luz de um Ideal que a terra inunde –
Ondas de cristais que a alma adornem.

Donzel de Jesus, que no Orbe deixas
Irmanados os espinhos, queixas
E angústias, que um irmão te faz...

Segue sempre em frente, bravo herói,
E verás, num sonho que constrói,
Um fresco vergel de Amor e Paz!

5 – CARTA DE SÃO FRANCISCO
AO LEPROSO

«Espero meu querido pobrezinho,
Que com tanta saudade me deixaste,
Tenhas tomado enfim melhor caminho.

Em duros sofrimentos não negaste
Ter pensamento puro em bom desejo
Pois que assim bem depressa te apartaste.

Tais alegrias, meu irmão, prevejo
E quem me dera o mesmo ter comigo
Que penas só possuo de sobejo.

Com Outros como tu a Deus bendigo,
Nesta miséria de desterro humano
Que quase para nós é inimigo...

Se nos seus corpos eles sentem dano
Mostro-lhes o sentido que encontraste
Em tomares paciência e não engano.

Se tu soubesses como os deixaste
Quase que, julgo, te arrependerias –
-Embora este teu sonho sempre ansiaste.

Ou, de outro modo, apenas ficarias
Com tal obrigação de amor tamanho
Que neles restariam breves dias...

Por mim ninguém te considera estranho,
Logo, que o mesmo Amor tenhas te rogo
Pois para eles será de imenso ganho.

Em seu penar diário, como fogo,
Também te viste e também nele ardeste
Por isso, pede a Deus um desafogo.

E se algo cá na terra tu temeste
Era Amor que alguém não encontrara
O qual sempre tiveste e escolheste.

Mas, estou certo, que ele hoje te amara
E, seus dias perdidos ajuntando,
Seria uma harmonia plena e rara.

Assim, sabendo, vão-se acostumando
A dar em troca o bom que a gente sente
Pois que uns aos outros já se vão amando.

Neles todos consigo juntamente
Uma prece saudosa igual à tua
A qual te tornará feliz e crente.

A nova que chegou, ali da rua,
O teu despedir, que era verdadeiro,
Trouxe-nos a tristeza nua e crua.

Não lográmos ouvir o derradeiro
Ai que da tua alma te brotou,
Porém, ele p´ra nós foi mensageiro.

O teu exemplo em cada um ficou,
E as obras que fizeste serão fontes
Que o Senhor Deus a eles ajuntou.

Agora partem sós pelos horizontes...
Se vão alegres ou não, não to escrevo:
Quero que vejas tudo e então me contes!

No entanto vou dizer-te o que te devo:
Tuas cruéis saudades, tua lembrança,
São doces cantos que ao bom Deus elevo!

Eles próprios (enfermos com esperança)
Já não sentem as ânsias abatidas,
Naquela salutar e fiel mudança.

Farão a Deus a oferta das suas vidas
Em troca da bonança que anseiam
E das coroas que serão merecidas.

As dores que na vida lhes sobejam
Converterão em sôfrega vaidade.
E agora a ti pergunto: mais desejam?

Sim, algo mais. Fazer de Deus vontade.
O que te conto até parece um sonho,
Mas não é. É a frieza da Verdade!

Como é tão belo ver ali risonho
O rosto de um enfermo e de um irmão.
Parece que esqueceu o mal medonho...

Mas se é certo que muda o coração,
Quando alguém volta a face e os despreza,
Pede a Deus que lhes lance a Sua mão.

Não cairias, eu sei, nesta certeza
Se na tua infeliz leprosaria,
Onde passaste miséria e fraqueza,

Soubesses que no Céu alguém iria
Rogar por ti a Deus que te amparasse
E que mostrasse clara a tua via...

Muito prazer teria se eu cuidasse
Em conseguir de ti o concordares
Que num tal caso tua dor passasse.

Em muitos outros casos e lugares
Jazem as dores a que tu fugiste
Para num maior bem te transformares...

Assim, teu dever grande só consiste
Em que a dor deles tenha menos anos
E que vejas se a vida lhes resiste.

Eles nunca quiseram ter enganos
E mais pesares seus, falsos prazeres,
Que toda a gente converteu em danos.

Agora me recordo...se quiseres
Eu dir-te-ei a razão para que, em vendo,
Consigas o melhor que tu puderes:

O bem que a eles tu estás fazendo
Deve-se Àquele mestre da Lei Santa
A quem eu estou sempre bendizendo.

A doutrina do Mestre lhes levanta
Na sua alma a fé e os acalentos,
De tal forma que tanta gente espanta.

Não vêm noutras coisas fundamentos
E, pela sua parte, não desviam
Dos puros corações os pensamentos.

Vês, por isto, que agora não se fiam
De um tal recto caminho que por torto
A muito boas almas sempre guiam.

O Irmão-Sol para eles não ´ stá morto
E a nossa irmã Morte ´lhes divina
Pois que a todos conduz ao melhor porto.

O Rabi lhes anunciei e Sua doutrina
Tornou-se para sempre doce chave,
Chave que abrir o ´Éden lhes ensina.

Vês que eu te disse outrora: “o Amor ´ nave.
Com ele tudo ´ f´cil, tudo luz,
E a pior das tormentas ser´ suave!”

Do humano sofrimento toma a Cruz
E deixa abrir nos l´bios um sorriso,
Sorriso que pureza s´ transluz!

E aqueles passos que de ti eu piso,
E aquele ´sculo que te dei e o abraço,
´ sempre o mesmo que com eles faço!»

III – NAS SENDAS DE ASSIS

ESPÍRITO DE ASSIS

Montariol, 25 de Maio
De 2013

À mágica montanha subirei
Deste esverdeado Alverne acolhedor
Num dia ornamentado de calor
E de espírito aberto cantarei.

Ao irmão sol e à bela Natureza
Cantarei minha lira em liberdade
Relembrando as memórias da saudade
Num coração de paz e singeleza.

Em foga assembleia hei-de cantar
Um hino de alegria ao Poverelo
Abraçando os irmãos em Paz e Bem.

Anseio em breve dia aqui voltar
Para de novo um poema e um anelo
Co' a minha alma de poeta ofertar!

MONTARIOL, MEU ALVERNE

À semelhança do fraternal Monte Alverne,
Que sempre foi para Francisco a Luz perene,
Também o meu sonhar brilhou à luz do sol
Na encosta verdejante de Montariol.

Imponente edifício quase apalaçado
Em quatro andares muito bem estruturado
Emergindo todo ele em forte contraluz
À sacrossanta montanha do Bom Jesus.

Ali se recolhiam jovens vocações
Cujo horizonte aberto eram as Missões
Numa aventura de Mãe África primeira
Que entre todas as messes era pioneira.

Não sei se este Palácio foi mera ilusão
Só sei que ali cheguei de mala de cartão
Num dia em que saí das brumas da incerteza
Para restabelecer a minha natureza.

Subindo pela encosta amplas escadarias,
Torneadas aqui e além de cantarias,
Aborda-se finalmente a porta colegial
Que faz esquina à igreja, quase catedral.

Como eram belos naquele órgão os rituais,
Que preenchiam sempre os actos dominicais,
Aos quais eu dei um contributo predilecto
Sob a batuta do ilustre frei Norberto...

Um rés-do-chão com refeitórios e salões,
Primeiro andar com amplas salas de lições,
Outro andar para ensaios e úteis serenatas
E lá no alto belas vistas, camaratas.

No interior ficava o rinquê dos devaneios,
Campo Grande e Pequeno para os recreios,
Com jogos de patins e bolas sempre à mão
Assim ia crescendo a alma em corpo são.

Frondosa quinta de vinhedos e milheirais,
Onde as labutas eram sempre joviais,
E no alto da montanha as sombras salutares
Davam tempero ao corpo com seus puros ares.

Foi assim, neste Alverne – escola de saudade –
Que construí aventura, numa fresca idade,
Semeando no meu chão os frutos recolhidos,
Belos tempos passados e por mim vividos!

ACRÓSTICO MEMORIAL

Montariol, minha escola,
Onde fiz aprendizagem
Numa tão feliz viagem
Tendo poemas por esmola.
Alma plena de ternura
Ramos frescos de alecrim
Irmanados de frescura
Ouvindo em praias de mim,
Loucos sonhos de aventura...

RUA DOS MÁRTIRES

São Francisco da Portela
Nobre casa de eleição
Onde habita o coração
Com a alma em sentinela.

Ali se faz sementeira
E colheita de talentos
Com saberes e condimentos
De todo o jeito e maneira.

São Francisco e seus valores
Onde brilham os louvores!

Verdes vinhas e pomares,
Mil verduras e aromas,
Frutas, fontes e sombras,
Moradias seculares.

Santuário de cantores,
Sons de órgão deleitosos,
Jovens mestres primorosos
De grinaldas com amores.

São Francisco e seus valores
Onde brilham os louvores!

É escola de académicos,
Cientistas, mesteirais,
Profissões estruturais
De horizontes epistémicos.

Há espaços de confrarias,
Flores mimosas e jasmim,
Há perfumes de alecrim
E doutores de filosofia.

São Francisco e seus valores
Onde brilham os louvores!

Há encostas e há cruzeiros,
Árias e cantos singelos,
Monumentos e castelos
E folclores milagreiros.

Se há patacas de turismo,
Ganha-pão de muita gente,
Rua dos Mártires é crente
Com promessas de heroísmo.

São Francisco e seus valores
Onde brilham os louvores!

ALVERNE DA ALMA

Varatojo meu encanto,
Muito pertinho do céu,
Com horizonte sem véu
É para o povo um espanto.

Abrigo airoso que acalma
No cimo do verde outeiro
Colhe o sol o dia inteiro,
O meu Alverne da Alma.

Cada romeiro que passa
Nestas encostas frondosas
Sente um aroma de rosas
E um panorama com graça.

Neste lugar de sossego
Há um remédio sereno:
Fazer do grande pequeno,
Santo, mais tarde ou mais cedo.

Nas vinhas e nos pomares
Há frutos assegurados
E nos campos abençoados
Sente-se a paz e bons ares.

As horas passam seguras
Sem espaço e sem medida
A voz da alma é sentida
Sem peias e amarguras.

Um bosque com eremitério,
Dá repouso e mansidão,
Dá bonança ao coração
E pr' à alma refrigério.

Moradia de imponência
Com elegantes janelas,
Nobres claustros e celas
Chamando à reverência.

Toda a vivência é regrada
Nos confrades e coristas,
Há paisagens maneiristas
Com cultura assimilada.

Para o ofício, na calma,
Ouve-se o toque dos sinos
Há cantares diamantinos
Naquele Alverne da Alma.

“Alverne” aqui lhe chamei,
No burgo chama-se António,
Que o Santo é património
Nestes versos que cantei!

DESTA FRATERNIDADE

“Frei Adelino & Frassino”

Desta fraternidade um só ideal
Suporta estes dois seres caminhantes:
Frei Adelino busca os mais errantes
E Frassino semeia em pantanal.

Por este mar revolto os navegantes
Esperam mui ansiosos um sinal,
Uma luz, uma estrela maternal,
Que os proteja e os torne vigilantes.

Dois arautos seráficos por certo
Adelino e Frassino são diferentes
Mas lutam incansáveis no deserto...

Os sonhos são os mesmos, pertinentes –
A palavra e a lira sempre perto –
Que é grande a messe bem assim as gentes!

ACRÓSTICA

A Frei Adelino

A
D
E
L
Assistido por Deus, Eterno Pai,
Dentro da alma acende forte chama
Em prol do sonho que evolui e vai
Levá-lo até ao pé da sua dama.

I
N
O
P
Incólume labuta na alegria,
Num mundo agreste que não sabe amar,
Onde menos espera emerge o dia
Pondo no seu carpir doce cantar.

E
R
E
Escuta ribeirinho este jogral
Rebelde que por ti vai caminhando
Em busca da frescura de um Ideal...

I
R
A
Irmão da Natureza sai cantando
Rumo ao irmão Francisco seu igual
Ao qual todos procuram imitando!

O MESTRE PARTIU A OBRA FICOU

Homenagem a Frei Adelino

Partiste sem voltar, meu fiel amigo,
E não me informaste que partias
Embora eu soubesse que sofrias
E agora sofro eu, como castigo...

Partiste, mestre, p' ra melhor abrigo,
Tu que meus pobres versos acolhias,
E com prazer mil vezes os relias
P' ra eu os refazer melhor contigo.

Construí há bem pouco o meu Parnaso
Tencionando o teu nome lá constar
Nunca pensando neste triste ocaso...

A terra que ajudaste a preparar
Dará sua colheita em útil prazo
E tu no teu Olimpo hás-de julgar!

VAI FRASSINO

Frei Adelino Pereira

Vai mandando, Frassino, teus poemas,
Que são teu bendizer no teu dizer,
E o partilhado pão de mais prazer
Qu' aos pobres farta e a presos quebra algemas.

Frassino amigo, vai dos diademas
Cingindo tua fronte de ascender
Aos píncaros mais altos sem temer,
Onde tu te alimentes só de gemas.

Da poesia servo sê, Frassino,
Como monge a cantar louvor divino,
E como cosmonauta das estrelas.

Toma o bordão e vai de porta em porta,
Sem ver se é hora viva ou hora morta,
Porque o poeta tem só horas belas.

SONETILHO A FREI DAVIDE

A
Frei David Antunes

Cada página esboçada
Pelo seráfico pincel
Há-de ser sempre lembrada
Seja foto ou papel.

Sorriso expresso no rosto
Com a alma escancarada
Num discurso de bom gosto
Que cai bem à rapaziada.

Ironiza da desgraça
Se alguém é humilhado
E faz da tristeza graça.

Frei Da Vide, como diz,
Todo ele é um tratado
A viver sempre feliz.

Quem quiser ser Poverelo
De corpo e espírito alado
É Frei David o modelo!

IV – VIAGENS NO SÉCULO

ATLETAS DE DEUS

Homenagem ao Atleta Olímpico

É certo que quem corre por gosto não cansa
Assim o determina a crença popular,
Também é certo que em atalhos cirandar
É grande a carga de trabalhos que se alcança.

O coração do homem tende a esta dança
Para dar cumprimento a todo o seu sonhar
Ansiando sumamente os louros conquistar
Na arena dos estádios à luz da esperança.

Subir mais alto, ser mais forte ou ir mais longe
É este o lema natural de quem é monge,
De quem é frade ou é apenas taumaturgo.

O caminho é bem duro para todo o herói
Mas tem grande prazer na auréola que constrói
Com suor, sangue e lágrimas como Demiurgo...

Mas como é belo, ao som de hinos e canções,
Ver subir a bandeira do seu pátrio burgo
Por entre aplausos de efusivas multidões!

O CROSSE DA REBELDIA

À memória de «Maio 68»

A fina flor da Lusa Mocidade
À sombra do castelo se aprontou
E o Nacional de Crosse abrilhantou
As margens do rio Liz e da cidade.

Às voltas do estádio cirandou,
Equipa por equipa em novidade,
Dando energia ao sonho e à idade
Naquela prontidão que enfeitiçou.

Tocaram as sinetas e a fanfarra
Quando o primeiro atleta ressurgiu
Num sprinte vigoroso cheio de garra...

A meta, já tão curta, submergiu
Fazendo jus à mais brilhante farra
Que alguma vez a gente pressentiu.

No final do desfile aconteceu
Qu' o medalhão do pódio se esvaiu
Pois o ´stranho vencedor não compareceu!

A LÉGUA DA NAZARÉ

Conforme a hora traçada
Com o sol no horizonte
Deu-se início à jornada
Do Ateneu como ponte.

Em Nazaré por destino,
Iria haver nesse dia
Debaixo do sol a pino
A Légua da correria.

Todo o país ali estava,
Na fina flor renascida,
Aquele sonho embalava
Os louros desta corrida.

Pela avenida do Areal,
O azulino Oceano à vista,
Tem lugar a tradicional
Corrida pelo turista.

Passou pelo Sítio a festa
No meio da encomenda
Quem viu Nazaré atesta
O suor daquela contenda.

Daí em diante, descendo,
A lei das pernas ditou:
Quem vai à frente correndo
Jamais a Légua esbanjou.

E foi o que aconteceu,
Com toda a gente espantada,
Um desconhecido venceu
Esta Corrida afamada.

Ó Senhora da Nazaré,
Do fiel Dom Fuas Patrona,
Quem a Légua ganha a pé
Também ganha a Maratona!

AS ÁGUIAS DE MONTEJUNTO

“Memórias da juventude”

Partimos de madrugada
Em busca da Serra Mãe
Burel na bolsa embrulhada
Eis a grande trapalhada
Que relembramos por bem.

Era princípio de Verão
Nas fraldas de Torres Vedras
Uma saqueta com pão
Outra escondendo um melão
Fingindo que eram pedras.

Veredas p´ra que vos quero
Fomos subindo p´la encosta
E por um feitio sincero
Fingimos com todo o esmero
Tentar vencer uma aposta.

Demoraremos três horas
Em caminhada frenética
E para lá das demoras
Ia-se comendo amoras
Numa ingénua dialéctica.

Por sorte, mas já sem vento,
Vendo-se o mar lá ao largo
Ficou p´ra trás o convento
Em desdenhoso lamento
Por não haver muito estrago.

Ó Luís, anda p´ra frente
Pois o Canastro lá vai
A coisa agora está quente
E não quero que ele tente
Fazer ver qu´é nosso pai.

Sobe, Delfim, não arrisques,
Deixa-te de cataduras
Que estes nossos arrebiques
Nunca fazem tremeliques
Muito menos mordeduras.

Já fizeste um arranhão
Por entre silvas e mato
Olha que tu, meu Santão,
Ainda vais de arrastão
E todo virado a quatro.

Levas aí teu farnel
Mais umas gotas de vinho?
Mandou-nos ir de burel
O bom Amador furriel
P' ro sobrado do moinho.

Mal adivinha o dito cujo,
Se soubesse da partida,
Ai malandros, jogo sujo,
Far-vos-ia qual marujo
Torcer o pescoço e a vida.

Do Montejunto nem sombra
Soube o Mestre, por tramóia,
Que a fineza lhe ensombra
Uma frustração de arromba
Que o punha de paranóia.

Entretanto, nós na Serra,
Por veredas consumidos
Uns e outros sempre em guerra,
Em fim de tarde na berra,
Íamos ficando perdidos.

Após batermos à sola
Tocámos nosso rebate
Cada um foi de sacola
Caminhando sem bitola
P' ra esquecer o disparate.

Era já noite chegada
Davam as ave-marias
E nas celas a cambada
Ficou de porta fechada
Sem TV e mordomias.

Esta abalada da gente
Foi tudo menos virtude
Mas serviu-nos de presente
À memória que se sente
Das tramas da juventude!

CORRIDA PARA A VITÓRIA

Muitos eram os concorrentes
Oriundos de várias frentes
Naquela manhã de névoa
A buscar um lugar na história
Procurando, légua a légua,
Chegar primeiro à vitória.

Era o Campeonato de Fundo
Transmitido para o mundo
Perto das nove, à partida
Não estavam os favoritos,
Que era penosa a corrida
Naquele esforço de aflitos.

Seis léguas de nevoeiro,
Quem chegaria primeiro?
Bastante longa a viagem
Desde o Guincho até Algés
Vestidos de fresca aragem
Com duros e lestos pés.

Entre notícias que deram
Logo cedinho disseram
Que a malta já desistiu.
Ó distinta raridade,
Na TV nunca se viu
Correr um polícia e um frade.

Não abonam pormenores
Dos eventos superiores.
Ficou famosa e com glória,
E toda a gente falou,
Da corrida para a Vitória
Que um jovem Frade ganhou.

O que nesta estória fica
É que um frade do Benfica
Chegou à meta em primeiro
Batendo mesmo o record
E porque treinava ligeiro
Sabia a Corrida de cor!

NA TERRA DOS SOVIETES

Moskva, Agosto de 1973

Foi ainda no tempo da Velha Senhora.
Da Lusitânia me levaram ao rio Moskva
Por cujas margens passei à luz da aurora
Aproveitando a trégua que por cá reinava.

Era um antigo sonho o competir lá fora
Mas urgia vencer a força que imperava
Num colectivo ambiente sempre por penhora
Tão grave, dizem, como a terra que m' esperava...

Pelos sinais que do Capítulo emanavam
A discussão foi estéril, e assaz mesquinha,
Que o generoso Maioral fez abortar...

Vi, assim, os ingénuos sonhos que s' ornavam
Numa espiral tão rara em mágica varinha
Que fez da minha vida uma aura d' encantar.

Vi os Sovietes, sim, diferentes mas iguais
Vivendo o dia-a-dia tal como os demais
À luz de um astro branco sempre a estrelejar...

V – O CARISMA DO POVERELO

“Leituras sobre Antero de Quental” – Verão de 2013

1 - ANTERO – POETA METAFÍSICO

O pessimismo do poeta é mediático
Perante toda a realidade existencial
Pois no devir de um dinamismo natural
Revela-se um sentido em Drama carismático.

Na senda de Pascal a plena Solidão
Preenche-lhe a alma tão completamente,
Naquele exílio reforçado por entre gente,
Que lhe confirma Deus - o Fiel da Redenção.

É livre, sem o ser, e d´ Ele busca a fonte
Naquela Luz que lhe abre todo o horizonte
Numa clara janela sem anacronismo.

Neste diálogo entre o Universo e a História
Procura Antero a identidade e a memória
Na perene sublimação do optimismo...

2 – CARISMA LITERÁRIO

Ao poeta Antero

A mais bela expressão da Arte humana
Que nas letras encontra fiel suporte
Sintetiza em Antero o melhor recorte
De que há memória em terra lusitana.

Quer por letra erudita ou profana,
Voltada para sul ou para norte,
Ele alcança o prestígio e logo a sorte
Lhe outorga uma auréola sobre-humana.

Sejam odes, sonetos, redondilhas,
Sejam prosas, ensaios, maravilhas,
No Poeta há um carisma literário.

Quem disse que, em Antero, há dois ou mais
Génios da Língua-mãe por seus sinais?
Apenas há um só, que a Arte é una...

Este génio das Letras extraordinário,
Jamais vagueou em traços virtuais
E a Lusa Pátria nele contem fortuna!

3 – O SANTO PEREGRINO

A
Antero de Quental

Há poetas e pensadores que impressionam
Pelo calibre estético da sua Lira,
Quer pensando ou escrevendo ninguém lhes tira
A nobre qualidade que de si ostentam.

Numa auréola veloz navega o grande Antero,
De seu nome Quental por cintilante raio,
A quem muitos admiram entrando em desmaio
E a quem outros odeiam num vil desespero.

De alma profundamente vaga mas sincera
Quanto sincera foi a excelsa poesia
Que sempre cultivou de forma tão austera.

Não foi frustrado não o egrégio pensador,
Como alguém proclamou com trivial ousadia
Banalizando a sua vida e a sua dor...

Antes, ninguém como ele afrontou seu destino
Em sublime odisseia e cultural valor
Tornando-se destarte um Santo Peregrino!

4 – ANTERO DESTROÇADO

Homenagem a um
“Vate das Letras”

Para entender Antero há que destroçá-lo?
Sim, mas apenas à luz da filosofia
Que, ao procurar fazê-lo, deu anacronia
Numa banal deriva quanto a analisá-lo...

Vindo à crista da onda a saga Camoniana,
Que a alma pura da epopeia esfrangalhou,
P’ lo mesmo efeito esta deriva resultou
Empobrecendo, enfim, a gesta Anteriana.

Para entender Antero há que compreendê-lo
E, ao fazer como nosso todo o seu desvelo,
Talvez se encontre o original fio à meada...

De Antero, a sua verdadeira identidade
Por entre o uno e o vário como qualidade,
Reside plenamente num destino insano.

De Antero a sua história, entre o ser e o nada,
Está na obra de Arte, em sangue recriada,
Imagem viva de um genuíno ser humano!

5 – ANTERO VERSUS ANTÓNIO

Da “Teologia Social”

Com Eduardo Lourenço em memória de Antero,
Dos ilustres pensantes o mais radical
E tal como foi ele também o foi Lutero
Que no Ocidente fez rotura estrutural.

Qual dos dois, todavia, foi o mais sincero?
Este elevou a Fé como o maior aval
Aquele, pela revolta, entrou em desespero
Por não ter conseguido cumprir o seu Graal...

Se a Fé abre caminhos largos e admiráveis
Por essa via entrou António com bravura
Pondo o múnus social no fiel da Lei Divina:

“Se houver trabalho haverá lucros sustentáveis,
E, sem pão e sem paz, na barca da amargura
A servidão dos povos cumprirá rotina”...

Eis a mensagem original Antoniana
Teologia Social que, à luz da Lei Divina,
Ajusta e sublima a global história humana!

6 – ANTERO DE QUENTAL

«Profeta do Destino»

Todo e qualquer projecto engloba duas faces:
A primeira revela-se no acto de pensar;
A segunda no agir, para se confrontar,
Um paradigma humano que não tem disfarces.

Entre o pensar e o agir há sempre desenlaces
Contrastando por vezes, no desenrolar,
Um choque bem diferente do real sonhar
Naquela catadupa ingénua de trespasses...

Nesta saga Anteriana o fenómeno acontece
E mais ninguém o fez como ele cabalmente
Num modelo perene que urge e permanece.

Antero, em seu viver, agiu e comprovou
Tal como sempre agiu à luz da sua mente,
Por isso é que venceu, mas também fracassou...

Não estranhemos, pois: no pensar, ele foi profeta,
Enquanto no agir permaneceu asceta,
Cumprindo o seu destino na Obra que gerou!

7 – ANTERO, CRISTO E BONAPARTE

“Vida humana e finitude”

Em toda a arte da existência humana
Do louco caminhar do génio humano
Há passos de sucesso e desengano
Numa vida perene e soberana.

Antero, Cristo e mesmo Bonaparte
Por entre sonhos vãos e de virtude
Geraram em si próprios finitude
Num reinado de sombras em descarte.

O poeta Antero, por tragédia Santo,
No Nazareno em aura delirante
Fez do Corso invencível desencanto...

Nesta lira Anteriana esfusiante
Vê-se Cristiana luz tornada espanto
Como a de Santa Helena suplicante.

Antero e Cristo e mesmo Bonaparte-
Qual tríade de heróis determinante-
No Ocidente foram uma obra de Arte!

8 – ANTERO VISIONÁRIO

O estigma da Profecia

Da profecia o estigma visionário
Contigo desde o berço renasceu
E nos quatro horizontes se estendeu
Numa perene luz de santuário.

Na forma de Soneto o teu ideário
Como num tabernáculo se escondeu
E numa chama só recrudesciu
Naquele carisma puro em relicário.

Morreu o poeta? O pensador ficou
E com ele outro poema germinou
Repleto de desejo e de paixão...

Ó Musas do Parnaso que chorais?
Sonetos como o Poeta nunca mais
Alguém fará com tanta perfeição.

E em nova Profecia e nova Idade
Tereis outra mensagem, outra visão
E com ela outra Paz e claridade!

9 – MONTE ALVERNE ANTERIANO

“O Romeiro do Infinito”

Subiste arduamente a áspera montanha
Procurando encontrar a tua identidade
E descobriste em rudes sendas de verdade
Um outro espírito de ambiguidade tamanha.

Como novo Poverelo numa vida estranha,
Despojando a tua alma da iniquidade,
Renunciaste p’ra sempre aos traços da vaidade
Numa espiral de fé que arde e que entranha.

Franca visão global de sonho e de ventura,
Num abraço fraterno a toda a criatura,
Foste romeiro do Infinito e da Virtude.

Qual cavaleiro andante, em frágil coração,
Venceram-te, por fim, os ventos da Ilusão
Acorrentando-te em prometaica quietude...

- Ó irmã Dor, ó triste e escrava Solidão,
Faz-me entender aquele apelo angustiante
Que livre a alma humana de um deserto errante!

10 – ANTERO & OS OUTROS

Que dizeis vós, os Outros, sobre o que eu sou,
Em tudo o que vivi ou mesmo em que acredito?
Tu, Eça prosador, da poesia maldito...
E tu, Martins irmão (que meu sonho recriou...)?

Que dizeis vós, a quem a Vida massacrou,
Mas cujo estro na vossa Obra ficou escrito?
Tu, Ortigão das Farpas, em que eu acredito...
E tu, Junqueiro divinal, que a fama ousou?

Ó afamada Geração, ó pregoeira
Voz luminária de um Romantismo eleito
Que a terra de um futuro ridente projectou...

Que fui um Louco, fui um Santo à minha maneira?
Que fui um Visionário, mesmo que imperfeito?
Sim, mas a Santa Liberdade me inspirou!

Tornei-me um Pensador, Ó Vencidos da Vida,
Mas, se o não fora, não seria Pioneiro
E, muito menos, minha Arte reconhecida!

A VOZ DO SILÊNCIO

No “Dia Mundial da Voz”
Evocando Teixeira de Pascoaes

Nunca como hoje a Voz é tão determinante
Nesta floresta de ruídos estridentes
Que a aposta ganhadora dos prazeres silentes
Se tornou como opção projecto deslumbrante.

Da paz tranquila os sonhos crescem florescentes
Na eterna busca de um horizonte aliciante
Onde descanse, enfim, o humano viajante
Do vil desgaste que envolve as loucas gentes.

Todos os mares da vida, em múltiplas idades,
’Stão repletos de vãs e cruas tempestades
E os ventos que as tocam são demolidores...

As agressivas vozes são premonitórias
Enchendo a alma humana de crises inglórias
Enquanto do Silêncio a Voz vive de amores.

Ó tu, que o monopólio tens de voz tamanha,
Deixa o troante mar e olha para a montanha
Onde acharás a calma, o silêncio e as flores!

SENHORA DA MANHÃ

À memória de
Teixeira de Pascoaes

Senhora da manhã de mil encantos
Que do espargir da noite me reclaims
És entre todas a mais fiel das damas
Com tua doce voz e suaves cantos.

Senhora dos meus dias sacrossantos
Que do corpo libertas suas chamas,
Em claras madrugadas tu derramas
Perfumes deliciosos em meus prantos.

Vem minha Musa, minha luz sincera,
A este caminhante que te espera
Qual astro cristalino e cintilante.

Nas jornadas que a vida propicia
És o meu barco à vela de harmonia,
Minha paz e farol estimulante!

ÁRVORE POEMA

Ao “Dia Mundial
Da Árvore e da Poesia”

Tu és o meu tesouro e poesia,
Tu és o doce canto da beleza,
Em ti se encerra a alma e a firmeza
Que faz do Universo uma harmonia.

Tu és a vida, o fruto e a riqueza,
Por ti transita a seiva e a empatia
Que faz brotar o sopro da energia
Nos seres mais comuns da Natureza.

Paraíso das aves e dos ninhos,
És o porto dos prazeres e carinhos,
Primavera de aromas e alfazema...

Tu, ó árvore que um dia replantei
No meu quintal de sonhos que criei,
És, com certeza, o meu melhor Poema!

BALADA DA SAUDADE

Esta balada que canto
Todo o dia a cada hora
Já se foi de mim embora
Acompanhada de espanto
E enfeitada de encanto.
Foi meu amor visitar
Numa noite de luar
Ficou comigo a saudade
E com ela esta verdade
Que faz Frassino cantar.

Um dia hei-de partir
No abrir da madrugada
Levando ao longo da estrada
Um cajado e um sorrir
P' ra com todos repartir.
Se meu amor acordar
Ouvirá este cantar
A bater à sua porta
Se não abrir não importa
Irei de novo voltar.

Meu cantar de trovador
Meu gesto, minha canção,
Saiu do meu coração
Para buscar meu amor
E desfazer esta dor.
Cada dia ao renascer
Outra balada a crescer
Será mais uma esperança
Em todo o verso que dança
Nesta forma de viver...

Amor que me tens refém
Neste horizonte perdido
Faz-me encontrar o sentido
Que me leve a minha mãe
Pois não tenho mais ninguém.
E se ouvires a voz do vento
Busca nele algum alento
Acompanhando este fado
Que me traz acorrentado
E para mim é tormento.

COLUMBA PACIS

Como ave costumeira em cidadela
De larga actividade mercantil
Vagueia indeciso mas gentil
Grisalho pombo, esbelto e sem courela.

Rodopiando a meus pés com fiel cautela,
Num gesto de feição primaveril,
Logrou vencer a fome sempre hostil
Matando-a nesta rara escapadela.

Um pouco do meu pão a contragosto
Deslizou pelo chão em pressuposto
Entrando na garganta deste pombo.

Mil vidas sonharão igual magia
P' la procura da paz e da harmonia
No carisma que tem este Colombo.

Se houver justa razão em cada dia
Sirva esta Natureza por empatia
Num ganho colectivo em desassombro.

EM NOME DO PAI

Dia do pai

Já lá vai distante o tempo,
Daquele tempo que se vai,
De um nome lançado ao vento
Num homem chamado pai.

Vive oculta a circunstância,
Não há dinheiro qu' o leve,
Tão segura é a importância
Que o sentir filial descreve.

Ser um pai é uma aventura
Neste mundo tão banal
Num filho sempre perdura
A memória paternal.

- Toma, filho, mais uns trocos,
Não quero que te falte nada,
Pois esta vida de loucos
'Stá cada vez mais tramada.

- Ó pai, tu és um bacano,
Jamais te irei esquecer,
Se não for hoje é p' ró ano,
Como tu hei-de vencer!

- Um pai nunca é eterno,
Qualquer filho o saberá,
Para um futuro sereno
Prepara o teu amanhã!

- Não quero que faltes, ó pai,
És o único entre os seres,
Teu nome em mim sobressai
Se um dia cá não estiveres!

HABEMUS HOMO

Elite eclesial terrena,
Resguardada a sete chaves,
Cento e quinze Cardeais
De currículos maiorais,
Deslindam os seus entraves
Dando cor à Cidade Eterna.

Um deles será escolhido
Que de todos herdará
A cadeira Petronina,
No coração da Sistina,
P' ra governar amanhã
Este Reino pervertido.

Sopro celeste dourado
Descerá àquele trono
E vai por certo escolher
Quem ficará co' o prazer
De se tornar feliz dono
Deste Reino afortunado.

Saindo do branco fumo
Em cerimónia pomposa
Num Conclave perfeito
De predestinado Eleito
Proclamará voz ditosa:
Urbi et Orbi, Habemus Homo!

REPTO AO NOVO PAPA

Teu nome representa «homem forte»,
Daqueles que pr´ o mundo são modelo,
O teu sorrir de alma é bem singelo
Num gesto natural de fino porte...

O mundo, tão carente de suporte,
Deseja ver em ti um “Povorelo”
Num sonho de esperança e de apelo
A um futuro risonho e com mais sorte.

No concerto dos povos desunidos
Verás no teu confrade Xavier
Um exemplo da acção qu´ o mundo quer.

E aos cultivadores pervertidos
Que ousem na terra o joio semear
Fá-los, por fim, à geena condenar!

FRANCISCO, O MONDADEIRO

A Seara é enorme e poucos os operários
E o trigo vai crescendo com joio p' lo meio
Importa agora que se faça sem receio
A monda que se impõe aos falsos perdulários.

Chegada é a hora de apurar destinos vários
E há que haver alguém que faça o rastreio
De esperança promissora aberta de premeio
Naquela luz de fé em actos extraordinários.

Esta tarefa envolta num saber obreiro,
Um saber que reforce a humana eloquência,
Limpará as maleitas do universo inteiro.

Eis o carisma de uma justa transcendência
Que revela o sinal de um Papa mondadeiro
Escolhido, entre muitos, co' a maior coerência!

A ZURRAPA DO CONCLAVE

Réplica a José Filipe

Ó meu amigo matreiro
O que dizes é marosca
Pois essa ninguém enrosca
De fazeres do Vaticano
Um descarado banqueiro...

O verdadeiro segredo
Que toda a gente já sabe,
E a carapuça bem cabe,
É aquele pombo bacano
Que lhes resolve o enredo.

Dinheiro, oh, longe disso,
Fica de fora essa ideia,
O negócio é coisa feia
Basta um sopro todo o ano
E ninguém leva sumiço...

O que mais conta é o carisma,
Muito mais do que ter jeito,
E não se tema o defeito
De uma nódoa em branco pano
Qualquer que seja o seu prisma.

Um papa é sempre Papa,
É eleito e consagrado,
Por isso fica o recado:
Não há que temer engano
Que bom vinho não é zurrapa!

LUX TRATERNITAS

À memória de
Agostinho da Silva

Agora em curso vai saindo a procissão
Gozando loas e cantares mui diversos
Obliterando aqui e além com emoção
Segura de um poema recriado em versos.
Terreno de horizontes tão diferenciados
Iguais na forma mas na essência amalgamados
Nunca ninguém por si ousou ultrapassar-te
Honra te seja meu amigo, meu irmão,
Outro consiga eu ser à luz da tua Arte.

Disperso vai o mundo em seu vigor e íspanto
Ainda que arrastado à luz do Espírito Santo...

Santo e bom Mestre, sim, desta Associação
Investida do fiel exemplo e memória,
Lestos na nova aposta e no húmus da razão
Veremos certamente os louros da vitória
Ansiando nesta empresa uma sublime história.

LUZ SERENA

A
Bocage

No dia de ontem, em Tertúlia relembrada,
Homenageando o lídimo Vate Sadino
Recitei longamente com razoável tino
A “pequenina luz” aqui anunciada.

Estruturando nela uma fiel trilogia,
Em poéticas vidas tão aprofundadas,
Descobrem-se facetas bem aparelhadas
Definindo entre si sublime analogia:

Postura de guerreiros, como arma a pena,
Em constante diáspora sempre embarcados,
No Parnaso cantam, Camões, Bocage e Sena.

De espírito e razão e de alma acrescentados,
N’ uma Obra-mestra que projecta luz serena,
Ficamos ao seu brilho mais incendiados.

E agora nós, que percorremos dia a dia,
A emaranhada e triste escuridão terrena
Acendamos na alma a fé desta energia!

O HOMEM FELIZ

O homem feliz é aquele
Que não segue o mal da guerra,
O homem feliz é aquele
Que prefere a justiça...
E não se deixa guiar pela voz do vento
E não se deixa guiar pela ilusão:

Feliz, feliz, feliz,
É o homem que caminha,
Feliz, feliz, feliz,
Para a libertação!

O homem feliz é aquele
Que não segue as trevas do erro,
O homem feliz é aquele
Que prefere a verdade...
E não se deixa...

O homem feliz é aquele
Que não segue a farsa do engano,
O homem feliz é aquele
Que prefere ser coerente...
E não se deixa...

O homem feliz é aquele
Que não segue o mito dos deuses,
O homem feliz é aquele
Que trabalha pela paz.
E não se deixa...

O SANTINHO MILAGREIRO

Homenagem a Sto. António

Onde é que vamos parar,
Ó Portugal verdadeiro,
A Tróica quer contratar
O Santinho milagreiro.

O Santinho lisboeta,
Como será natural,
Não cairá nessa treta
Por amor a Portugal.

Apesar de milagreiro
Tem muito mais que fazer
Do que andar o tempo inteiro
Na mira de enriquecer.

Se a Tróica o quer contratar
P´ ra milagres à maneira
Será melhor procurar
A Santinha da Ladeira.

Não é nenhum desprimor
A tróica recontratar
P´ ro Santinho é um favor
E a Santa fica a lucrar.

O nosso Santo, porém,
Não nega ser milagreiro
Mas reserva, como convém,
Dar-se ao povo por inteiro.

O Santinho goza a vida
Com ares de brincalhão
Milagres só na avenida
P´ ra contentar o povão.

Ó Santinho, nosso amigo,
Não te deixes contratar
Todos nós ‘stamos contigo
Manda a Tróica passear!

ESTE É O DIA DESEJADO

Este é o dia desejado –
Um dia que é património –
‘Screve a noiva ao namorado
Combinando o seu noivado
Sob o olhar de Santo António.

Há muitos dias no ano,
Cada um seu brasonado,
Mas nenhum é tão festivo
Como o do Santo nativo:
Este é o dia desejado.

Dizem moças de Lisboa
Solteironas do demónio
Que lá pela Madragoa
Anda tudo numa boa
Em dia que é património.

Lá por ser em dia treze
Que dizem ser azarado
Vem cá sempre o almocreve
E leva ao Santo o que deve
‘Screve a noiva ao namorado.

O namorado, ai brejeiro,
Põe seu fato encomendado
E pede ao seu milagreiro
Namorada por inteiro
Combinando o seu noivado.

Encontram-se os dois madraços
Com a vida em pandemónio
E são vistos dos terraços
Sempre aos beijos e abraços
Sob o olhar de Santo António!

FESTAS POPULARES OLISSIPONENSES

I

Manhã quente e abafada, mês de Junho,
P' las ruas e avenidas da cidade
Meninas e meninos sem idade
E povo mais que muito como um punho.

É dia treze, tudo em pandemónio,
Ninguém pregou o olho toda a noite
Que a farra sob o nome de Sto. António
Castigou todo o corpo num açoite...

Qual foi a Marcha ontem vencedora,
Qual foi a Marcha ontem mais jeitosa,
Digam lá, quem as viu, como acabou?

Mas ninguém recordava ali na hora
Pois, p' lo 'feito daquela noite airosa,
Em todos, foi o Santo que ganhou!

II

Meu Santo, Santantoninho,
Não te vás embora já
Bebe aqui mais um copinho
Até chegar a manhã.

E meu povo foi dançando
P' los passeios com carinho
Uns a rir, outros chorando,
Meu Santo, Santantoninho.

Anda no ar suave aroma
Bifana fresca acolá
Ó meu Sant' amigo, toma,
Não te vás embora já.

Ali, ao fundo, na viela,
Na cascata há rosmaninho
Não receies tua piela
Bebe aqui mais um copinho.

Dizem qu' o Santo deitou
O seu corpo no velho sofá
E com alguém dormitou
Até ao abrir da manhã!

BALADA DO POBRE

À memória de
Adriano

Sou pobre abandonado
Nas terras de Portugal
Meu tesouro vai guardado
No forro do meu bornal.

Meus sentidos se perderam
Em ventos de tempestade
E os sonhos desvaneceram
Em suspiros de saudade...

Ó sortes do meu passado,
Nas curvas do mendigar,
Fazei-me regenerado
Para ao sonho regressar!

Sou pobre escravizado
Nas teias do meu país
E o futuro hipotecado
Não tem húmus nem raiz.

A vida sem horizontes
Não me traz felicidade
Do alto daqueles montes
Quero ver a liberdade...

Ó sortes do meu passado,
Nas curvas do mendigar,
Fazei-me regenerado
Para ao sonho regressar!

O FALCÃO PEREGRINO

Ao

«Eremita da Arrábida»

Jovial coração, em plena liberdade,
Ousado espírito refeito em asas francas
Anelando encontrar de novo a eternidade
Onde se instala o sonho entre nuvens brancas.

António, de seu nome, um moinho construiu
Num doce asilo em Serra-mestra de eleição,
Ternurento projecto de sublimação
Oposto a este mundo vil que já caiu.
Numa encosta altaneira sempre esverdeada
Inebriando um horizonte que lhe sorriu
Onde renasce o sol na frágil madrugada.

Desperta hora a hora um harmonioso hino
Esvoaçante espiral de falcão-peregrino.

Aos sonhos dá guarida em sua moradia
Limpando as duras leivas dos trigais maduros,
Canta pelas veredas trovas e poesias
Ao ritmo da energia em suaves sons futuros.
Ribeiros de prazer, quais fontes de ternura,
A flamejante luz da branca claridade,
Viajam numa torrente d' água sempre pura
Embalados na fina crença e na verdade.
Liberta, desta forma, em firme singeleza,
A recriada Paz dos dons da Natureza!

POETAS QUE MARCAM

Homenagem a
Joaquim Pessoa,
em dia de Aniversário.

Nesta densa floresta literária
Semeada por sonhos em viagem
Emerge indelével a mensagem
Perene, emotiva e luminária.

Com alma sugestiva e sempre vária
Num rio mui revoltado e selvagem
Mereces cada dia sem miragem
Uma sublime estátua lapidária.

Tu és também Pessoa, sem Pessoa,
És manancial de qualidade boa
Reconhecidamente vertical...

Teu cálamus recria em cada verso
Um canto permanente no universo
De um País de Poetas ancestral!

QUO VADIS ABRIL?

Depois de tantas ruínas encruzilhadas
Depois de um louco sonho primaveril
Depois das duras lutas incendiadas
Onde estás tu, *atque, quo vadis Abril?*

Depois das vãs promessas apostadas
Depois de juramento tão viril
Depois de tantas leis abalroadas
Onde estás tu, *atque, quo vadis Abril?*

Tantos sonhos testados e favores,
Tantas fianças e paixões sentidas
P´ra tudo se perder em desamores...

Já quase quatro décadas vencidas,
Ao sabor de marés multicolores
Com brisas de feição desvanecidas...

Ó Abril, quem te viu e quem te vê,
Ó Lusa Pátria, quem fartou de horrores
A tua Alma, que nem sabe PORQUÊ?

ARTE DA MÚSICA

Homenagem aos freis
Norberto, Correia, Mário &
Albertino

Na sublime Arte da Música me revejo
Que, desde muito cedo, os dias me ocuparam
Pela composição, p' lo canto e p' lo solfejo,
Pela harmonia, piano e órgão me fizeram.

Com vários mestres aprendi e partilhei,
Momentos de arte sacra e arte baladeira,
Tesouros de emoção, vivências que gerei,
Num devir renovado em franca sementeira.

Os tempos, os espaços, as horas variadas,
Companheiros e alunos, belos festivais,
Recordações, prazeres, alegrias, saudades...

Arte da Música nas almas apaixonadas
Fazendo confirmar qu' as vidas são leais
Quando sublimam as agrestes realidades.

Desde sempre, até hoje, esta Arte tem nobreza
Criando suave aroma sempre, sempre mais,
No coração do homem a máxima riqueza!

FLAXE DE MIM

Eu trabalho por paixão
De manhã até à noite
'Screvo sempre com razão,
Tanto eu a tenha ou não,
Desde qu' a alma s' afoite.

Porque este mundo é sacana
Dar-lhe-ei bem forte e feio
Pois com jeito à fartazana
Pautarei por vida humana
Ser também sacana e meio.

D' experiência e saber feito
É a minha proposição
E não quero ter direito
D' usufruir algum proveito
Sem que seja justo ou não.

Meu cálamo é confidente
De um trilho cavado fundo
Sou feliz por entre gente
Que lança a sua semente
Aos quatro cantos do mundo.

Sempre fui feito de sonho
Nunca quis outro avatar
Mesmo em evento medonho
Jamais me viram tristonho
Mas, ao contrário, a cantar.

Se tenho falhas ou não
Nem m' acrescenta nem corta
Pois negá-lo é presunção
E afirmá-lo é sempre em vão
Logo, já pouco m' importa.

Já está tudo descoberto
Do qu' havia a descobrir
Mas duma coisa 'stou certo
De ser feliz 'stá bem perto
Quem já aprendeu a sorrir!

EU, PROFESSOR, ME CONFESSO

Eu, professor, me confesso
Sempre amei a profissão
E de um modo bem expresso
Cumpro-a com devoção.

Nas maiores dificuldades
Nunca pequei por excesso
Mas sofri contrariedades
Eu, professor, me confesso.

Dá um prazer sublimado
Ensinar algo com paixão
E mesmo contrariado
Sempre amei a profissão.

Nas férias sinto saudade
Anseio pelo meu regresso
Faço jus à equidade
E de um modo bem expresso.

Na ensinaça vou ao leme
E em toda a navegação
Quem não deve não teme
Cumpro-a com devoção.

A MONTANHA DA SAUDADE

Eu tenho uma montanha azul
De lá admiro toda a terra
Como é grande de norte a sul
E quanto de beleza encerra!

De lá saíram os meus sonhos
De lá partiu minha ousadia
De lá voaram bem risonhos
Os meus projectos de poesia.

Enquanto o sol se levantava
Com uma alegria tamanha
Minha alma do corpo voava
Pelo horizonte da montanha.

Muitas veredas percorri
E muitas léguas transitei
Com o vento subi e desci
E nunca dela me aparteí.

Do meu suor criei poema
E da mente fiz liberdade
Esta montanha é o meu lema,
Minha vida, Musa e Saudade!

MONTANHA MINHA

Montanha minha de saudade azul
Meus anos verdes, minha meninice,
Vibrantes sonhos meus e traquinice
Ali cresceram voando para o sul.

Montanha verde, minha mocidade,
Anos azuis, azuis de minha 'sprança
De breves sonhos que minh' alma alcança
Voando livres nas asas da saudade.

Carreiras serpenteando bordejadas
Por amoras silvestres já maduras
A qu' eu deitava mão p' ra saborear.

Abrótegas e pascoelas floreadas
'Scaldantes matagais de leivas puras
Com loucas borboletas a esvoaçar!

A DEFESA DA MONTANHA

Eu jamais permitirei
Que sabujem meu castelo
Só porque de longe ao vê-lo
Mete inveja, eu bem sei.

A Montanha é meu castelo
Nele vivo com magia
Sou feliz na fantasia
Com coragem e desvelo.

Não estou só nesta jornada,
Digo com toda a franqueza,
Comigo 'stá uma princesa
Meu amor e minha Fada.

Desde pequeno a venero
Guardando-a no coração,
Juro com toda a emoção
Que sem ela nada quero.

Afirmo com propriedade
Não temo meus inimigos
Pois na hora dos perigos
Ela é a minha liberdade.

Liberdade e montanha
Não preciso doutra sorte
Com esta força tamanha
Nada temo, nem a morte!

O GOSTAR DE SER QUEM SOU

Num mundo tão complicado
Nunca sei p' ra onde vou
Sei apenas qu' é meu fado
O gostar de ser quem sou.

Não nasci em berço d' oiro
Nem na terra do el-dourado
Tu porém és meu tesoiro
Num mundo tão complicado.

Reconheço teus talentos
Qu' o bom Deus te destinou
Neste mundo de tormentos
Nunca sei p' ra onde vou.

Alegre sempre andarei
Por meu materno legado
S' em minh' alma sofrerei
Sei apenas qu' é meu fado.

Deste-me teus sentimentos
Minh' alma s' emocionou
Por escolher entre os eventos
O gostar de ser quem sou!

SIMÃO PEDRO

Ó meu caro Simão Pedro
Do grão Jonas descendente
Foste rijo como uma pedra
E modelo de toda a gente.

Foste um ser apaixonado
Em projecto animador
Um pescador realizado
Com perícia e com valor.

Do Rabi de Nazaré
Ouviste falar um dia
Por seres homem de fé
Seguiste-O com energia.

Largando tua barçaça
A navegar à deriva
Iniciaste com graça
Uma missão exclusiva.

Lutaste pelo teu Mestre
Com uma alma valente
E naquela turba agreste
Fizeste ao romano frente.

Herdando pungente chaga
Qual ser humano e terreno
Em certa noite aziaga
Renegaste o Nazareno.

É bem certo que fugiste
De uma feroz multidão
Mas logo ao Mestre seguiste
Com firmeza e com paixão.

Foste fraco e convencido
P' la vaidosa serviçal
Mas choraste arrependido
Do teu pecado mortal.

Se o esperto galo cantou
Por divina convenção
Outra luz em ti brilhou
No teu frágil coração.

O Mestre venceu a morte
E deu-te as chaves do Céu
Foste do Grémio o mais forte
Pelo amor qu' em ti cresceu.

Aceitaste o chamamento
De uma forma excelente
O teu gesto foi fermento
E lição para toda a gente.

Correste mundos e fundos
Da palavra pregoeiro
E se houvesse mais mundos
Chegarias lá primeiro.

O que ganhaste Simão
Do teu martírio final,
A Cruz voltada p' ro chão
Com tão estranho sinal?

Não sou digno do Rabi,
No alto desta Montanha,
Pago o mal que eu vivi
Em tal humilhação tamanha.

Muitos séculos já lá vão
De folguedos e cantares
O povo é feliz, Simão,
Com tuas Festas Populares!

REFUGIADOS 1

Quando chegamos ao mundo
Refugiados nos tornamos
E deste mal tão profundo
Todos nós nos lamentamos.

Dizem qu' o sol vem p' ra todos,
Não há dogma mais jucundo,
Mas “enganos” são a rodos
Quando chegamos ao mundo.

Quem tem poder é feliz,
Têm dinheiro, nós enganos,
A Sorte à gente só diz:
Refugiados nos tornamos.

Para nós um lugar certo,
No seio do lixo imundo,
Sofremos destino incerto
E deste mal tão profundo...

Palavras e leis tão belas
São bandeiras qu' admiramos
Porém, à luz das estrelas,
Todos nós nos lamentamos!

REFUGIADOS 2

Batemos a cada porta
Nas vias do “passe bem”
O futuro qu’ é qu’ importa
Se não responde ninguém?

Custa muito não comer
Sentindo qu’ a vida é torta,
Por isso p’ ra não sofrer
Batemos a cada porta.

Quando há filhos pior fica
O emprego não dá vintém
Metê raiva a gente rica
Nas vias do “passe bem”.

Não vale a pena um projecto,
Mal começa, logo aborta,
Vivemos a céu aberto
O futuro qu’ é qu’ importa?

Dizem os homens qu’ há Deus,
Qu’ a todos por filhos tem,
Mas que Deus, pecados meus,
Se não responde ninguém?

A MEDIDA DO AMOR

Desde os velhos pré-Socráticos
Ninguém lhes leva a melhor
Em todos os usos práticos
Apostaram mais no amor.

De todos os sentimentos
Incluindo os democráticos
Amorosos são proventos
Desde os velhos pré-Socráticos.

É verdade que de escravos
Faziam uso a primor,
Por isso em questão de servos
Ninguém lhes levou a melhor.

Todavia, não é preciso
Dizem até os lunáticos,
No mundo há que ter juízo
Em todos os usos práticos.

Na vida a velha amizade
É lenitivo para a dor
Dizem os que na verdade
Apostaram mais no amor.

DEUS NÃO DORME

No princípio era Deus no seu descanso.
Depois de ter gerado a Criação
E tendo visto que tudo era bom
Recolheu-se à sombra do remanso.

A astuta Serpe sai do seu festançaço
E chegando-se ao simples do Adão
Fez dele um orgulhoso fanfarrão:
Das coisas do saber era um fartançaço.

Mas, ó ‘ stulta ilusão e imprudência,
Ó trágica vaidade e vil demência,
Fizestes como irmãos Adão e Lúcifer...

Afinal Deus é Uno e nunca dorme:
Fez feio a Adão e Lúcifer disforme
E deixou-se render pela mulher!

AMORES DISPERSOS - I

Os dedos de minhas mãos
S' encaminham para ti
Muito unidos qual irmãos
Procurando o céu que vi.

Meu coração conquistou
Um daqueles sonhos vãos
Qu' o fiel órgão sustentou
Nos dedos das minhas mãos.

P' los ecos da catedral
Minha força res senti
Agros sons um pouco mal
S' encaminham para ti.

Esta imagem da saudade
Que me trouxe os frios “nãos”
Fizeram-nos pôr de verdade
Muito unidos qual irmãos.

A formosa Ave-Maria
No meu rosto já sorri
Santificou este meu dia
Procurando o céu que vi!

AMORES DISPERSOS - II

A escola e os alunos que me deram
Mudaram minha vida por inteiro
E tudo o q' eu sonhei está primeiro
Do qu' as peripécias vãs o supuseram.

As lições eu preparo sempre ordeiro
Pelos compêndios reles que trouxeram
E até aqueles programas que ficaram
S' aproveitam talvez no travesseiro...

A falsa e triste Escola tem passado
Ao lado dos alunos descontentes
Sem qu' estes do saber não tirem nada.

Os mestres já 'stão fartos por seu lado
Qu' a terra é preparada sem sementes
E esta sem sementes é desgraçada!

ODE ÀS LÁGRIMAS DA ALMA

Ó vós outros que caminhais
No perene encalço da história,
Desde o recanto do guerreiro,
E a ponte infinda atravessais
A caminho de uma vitória
Que ambicionais por inteiro.

Ó vós que hoje vos deixastes
Embalar pela excelsa glória
Desde aquelas margens do Tejo,
E a estrada ampla enfrentastes
Pelas veredas da memória
Que sonhastes por vão desejo.

Ó vós que agora combatestes
Incentivados pelas gentes,
Nesse horizonte esverdeado,
E vagas de suor cedestes
Para que o prélio em duas frentes
Pendesse para vosso lado.

Ó vós que de início invejastes
A conquista do vil troféu,
Desde aquele sonho primacial,
E com pertinácia arriscastes
Para que um final sem labéu
Vos sorrisse por natural.

Ó vós que finalmente honrastes
Por essa luta destemida,
Ao amargo sabor do sangue,
Que de vosso corpo esgotastes
Em frágil alma aguerrida
Que por ela finou exangue...

A vós, digo sentidamente,
Se esta prova passastes bem,
As vossas lágrimas e suor
Ficaram na alma da gente
Que, como vós, sofreu também
Com tanto ou maior ardor!

ALMA MATER, PEQUENO SER

´Stou sentado na esplanada
Folheando o meu dossier
Vindo ali da passarada
Alma mater, pequeno ser.

Em brando voo receoso
Lá chegou ao pé de mim
Pardal fino temeroso
Debicando amendoim.

Dei-lhe antes do meu pão
Que migalhas são com ele
Matou fome com paixão
Dando lustre à sua pele.

Os seus olhos de safira
Amendoados e cretinos
De mim nunca retira
Graciosos e ladinos.

Comecei a reflectir
Os segredos da Natura
Que dos seres do porvir
Surge sempre uma ventura.

Mas a borrasca chegou
Fazendo grande escarcéu
E o pardal lá esvoaçou
À busca de novo céu.

Já agora vai pelo mundo
Uma ameaça inclemente
Um mal de aves bem fundo
Pondo em risco toda a gente.

Se das aves vem o mal
Nem tudo se perderá
Ficará sempre um pardal
A alegrar cada manhã!

A LIÇÃO DE RATZINGER

I

Era uma vez um Papa inteligente
Que visitou a sua Universidade
Onde deu aulas, sim, com pouca idade
E agora convidaram-no p' ra lente.

Preparada a lição p' ra ´quela gente
Ratzinger, de seu nome e raridade,
Discursou plenamente em qualidade
Criando uma polémica bem quente.

Do cimo da tribuna fez questão
De proclamar bem alto que o Profeta
Pregou no mundo coisas sem razão...

De tal maneira foi a pertinência
Qu' a reacção do povo ficou preta
Ficando em vez da paz a violência!

II

Eu disse "povo" porque povo é quem reage
E tanto o é sendo cristão ou islamita
Porque hoje em dia já ninguém partilha a fita
De que só é casmurro quem sem letras age...

Casmurro não é só quem é muito iletrado,
Ou então quem se julga a si de pouco esperto,
As Sumidades, essas, também o são por certo
Quer gozem neste Mundo ou brilhem no Papado.

Vai por todo o Universo grande confusão
Pois já ninguém conhece o sítio da Verdade
E até no Cosmos já não temos mais Plutão...

Pois claro, hoje todos sofrem de miopia
De tal maneira que a Razão virou Vaidade
Qu' até nem Leibnitz acredita n' Harmonia!

O ROMEIRO DA ANATÓLIA

I

Voando em longas asas de condor
Partiu da Urbe Eterna o fiel Romeiro
Com pompa, circunstância e pundonor
Pousando na Anatólia bem ordeiro.

As ideias polémicas ficaram
Para trás junto ao Tibre venenosas,
Nova auréola de paz edificaram
Florindo em vez delas brancas rosas.

O mundo das paixões se diluiu
Na saudação da Paz e da amizade
Que o cordial Romeiro proferiu.

Reposto desta forma em equidade
Um gesto de harmonia o mundo viu
E unido a ele o sonho da Verdade!

II

Toda a Escritura tem verdades pertinentes
Pois sua origem com certeza é revelada
Àquele profeta que dirige suas gentes
Em prol do Bem e da Justiça ambicionada.

Se o seu legado não se cumpre na mensagem
Sinal será que em suas mentes se alojou
Aquele inveja que no Éden foi miragem
Gerando o fogo que sua alma incendiou.

Quem disse haver cá nesta terra dois Senhores?
Um, toda a gente diz, tem nome de Riqueza;
Outro é o Poder, será qu' alguém já viu maiores?

Nesta questão se o deus Poder virar fraqueza
O deus Riqueza perderá os seus fulgores
E as nobres almas voltarão a ter grandeza!

MEU AMIGO, MEU IRMÃO

Tanto hoje como amanhã
Nunca devo renegar
Um bem-haja ou um olá
A quem por aqui passar.

E s' alguém sofrendo está
Porventura algum tormento
Um sorriso bastará
Em todo e qualquer momento.

Meu amigo, s' és meu irmão,
Sê feliz com o meu carinho
Cingindo esta minha mão...

Não queiras estar sozinho
Na mais triste solidão
E sem luz no teu caminho.

DE GRECCIO PARA O MUNDO

O Povorelo de Assis de ânimo inspirado
Tocado pela fé, nobreza e humildade,
Sonhou fazer de Greccio universal cidade
Modelando-a em fiel presépio ornamentado.

Cada caminho rude fez-se engalanado,
A floresta ganhou brandura e equidade,
Francisco, seus confrades, povo em unidade,
Sentiram o Natal em clima apaixonado.

Uma pobre família ao vivo enfeitada,
Uma terna criança em palhas ajeitada
E ali perto um jumento, a vaca e um sorriso...

Dizem ter sido este Natal aquele primeiro
Que conseguiu fazer do lobo um cordeiro,
Mostrando ao já perdido mundo o Paraíso!

HOJE É NATAL!

Natal, Natal,
Ontem, hoje e amanhã...
O que nós vemos
De nada vale
E aquele bem que virá,
Sempre será
Tudo o que temos!

Natal, Natal,
O hoje, o amanhã eterno...
Nasceu o Cordeiro
Corpo real
Daquele seio materno,
Sorrir fraterno
E verdadeiro!

Natal, Natal,
Antes, já e depois,
Sempre presente
Bem natural
Entre estrelas e sóis,
Porfiando os dois
Um ar clemente!

Natal, Natal,
Cada hora entre nós,
Há-de passar
Luz sideral
Desde nossos avós
Mel e filhós
Urge ficar!

O IRMÃO RUSSO

Manhã de Verão sem ser Verão
Entra o sol às tiras nos estores,
Lá ao longe o rio espreguiçando
Por entre campinas de suão.

Mais perto um quintal de verdes flores
E as videiras tenras se ajuntando
Numa fresca sombra pelo chão
Tiram aos pardais os seus calores.

Chega, enfim, o *russo* que é notícia
Pondo todo o bando em reboição
A revoar ao perto com perícia.

Seu chilreio audaz chama os parentes
Para um lauto almoço de cortiço
Donde esvoaçam larvas descontentes!

AS MÁSCARAS DO MUNDO (*)

À memória de
Anna Politkovskaia

Passam no Palco do Mundo
Do nascer ao pôr-do-sol
As horas do mal profundo
E as vidas em arrebol.

Passam no Palco da Vida
Desde o ventre até à tumba
As pancadas da desdita
E os desvios na penumbra.

Passam no Palco das Gentes
Do Oriente ao Ocidente
As venturas indigentes
E os projectos sem presente.

Passam no Palco das Modas
Desde as vilas às cidades
As paixões com brutas rodas
E o desfile das Vaidades.

Passam no Palco do Estado
Desde as tendas aos palácios
As propostas do Embuçado
E o discurso sem prefácios.

Passam no Palco das Feiras
De manhã até à noite
As bancas das vendedeiras
Num rodopio de açoites.

Passam no Palco dos Astros
Pela aurora matinal
As estrelas com seus rastos
Em alterne desleal.

Passam no Palco das Trevas
Entre pântanos abissais
As Cruzadas “medievas”
Em chacinas magistras.

No Palco dos Potentados,
P’ ra terminar esta saga,
Passam orgias e fados
Em triste noite aziaga.

E assim as máscaras do Mundo
De frustradas intenções
Cavam vazio profundo
Em todos os corações».

(*) – Poema premiado em Itália, no Concurso «Pensieri in Versi 2006»

BENFICA FICA BEM (*)

Benfica, quem te conhece
Depois de ver-te uma vez,
Ao lembrar-se nunca esquece
Como é bom ser português.

Há terras no meu País
Que à memória convém
Mas para criar raiz
Em Benfica fica bem.

Não há zona de Lisboa
Que se compare a Benfica
Não se vê ninguém à toa
Nesta gente de alma rica.

Gente nova, gente velha,
Ninguém vira a cara à luta
Num exemplo que espelha
Um modelo de conduta.

É bom ter a Natureza
Com parques e avenidas,
Monumentos com riqueza
De memórias acrescidas.

Os dias são sempre iguais
De portas escancaradas
Com casas comerciais
Sempre bem aparelhadas.

Bons espaços de lazer
Também os há com fartura
E para maior prazer
Muitas casas de Cultura.

Benfica, quem te conhece
Depois de ver-te uma vez,
Ao lembrar-se nunca esquece
Como é bom ser português!

(*) – 1.º Prémio do Concurso de Poesia da J. f. Benfica
2013”

NOTA FINAL DO AUTOR

Será, na nossa opinião, útil e positiva uma breve justificação acerca do título desta obra poética e, simultaneamente, a razão de ser da Dedicatória que por nós foi sublinhada na abertura deste livro.

Em primeiro lugar, MONTE ALVERNE por se celebrar, em 2013, 800 anos da cedência desta localidade paradisíaca, a cerca de 1200 metros de altitude, a S. Francisco e à Ordem Franciscana. Encontra-se situado ali um dos principais santuários do Franciscanismo, muito visitado por peregrinos e turistas.

A origem da fama deste monte remonta ao ano 1213, quando São Francisco se encontrou com um nobre fidalgo, Orlando di Chiusi della Verna, que ofereceu, sensibilizado pela admiração e amizade para com o Santo, esta montanha e a área adjacente para lá ser criado um local de retiro e oração. A oferta foi aceite e ali Francisco se dirigia muitas vezes, tornando-se um dos seus locais predilectos para meditação. Reza a tradição que terá sido nesta localidade que São Francisco, no final da sua vida, recebeu de Deus os seus milagrosos estigmas.

Em segundo lugar, a Dedicatória ao PAPA FRANCISCO parece-nos ser uma justa e merecida opção, já que neste ano de 2013 ocorreu, num dos Conclaves mais mediáticos de sempre, a eleição deste prestigiado Papa – vindo da longínqua Argentina – e em quem o Mundo católico, e não só, deposita as maiores esperanças.

Por um lado, o cardeal Bergoglio, ao ser eleito, escolheu para si o nome do Santo de Assis, por outro, como no cerne desta obra, a temática específica se refere quase exclusivamente à mensagem franciscana no mundo – tendo como dinâmica a vivência do próprio autor – achamos por bem fazer esta homenagem ao actual Pontífice.



Santuário do Monte Alverne,
Edificado em 1224

SÚMULA BIOGRÁFICA



FRASSINO MACHADO – pseudónimo de Francisco de Assis Machado da Cunha – nasceu na Cidade Invicta, no ano de 1946, tendo vivido quase toda a sua meninice e juventude em Nespereira, muito próximo de Guimarães. Nestas duas últimas instâncias cumpriu integralmente a sua instrução primária e politécnica tendo, entretanto, frequentado durante vários anos os estudos secundários, na área das Letras, nos seminários da Ordem Franciscana, respectivamente, em Montariol, Braga; em Leiria; em Varatojo, Torres Vedras e, finalmente, no seminário da Luz, em Lisboa.

Após esta diáspora cultural, quase por todo o país, cumpriu os seus estudos académicos na Universidade Católica Portuguesa (Filosofia) e na Universidade Clássica de Lisboa (História), tendo ainda frequentado os estudos musicais, em composição e órgão, no Instituto Gregoriano de Lisboa.

Exerceu, profissionalmente, as funções de professor do Ensino Secundário, leccionando a disciplina de História durante mais de três décadas, tendo dinamizado variadíssimas actividades artísticas complementares com as suas turmas.

Acumulou, simultaneamente, ao longo da sua carreira, actividades desportivas diversas, tendo sido atleta internacional ao serviço do S. L. e Benfica e da selecção Nacional, e chegando a exercer funções durante alguns anos como técnico de Atletismo, quer no S. L. e Benfica como no Belenenses F. Clube.

No campo da Cultura e da Música tem exercido desde sempre as funções de organista litúrgico e dinamizador de festivais de canto popular e participante em espectáculos de tertúlias Literárias.



ISIDRO PEREIRA LAMELAS, Ofm – Currículo breve

Natural de Penude, Lamego, onde nasceu a 27 de Fevereiro de 1965, é membro da Ordem Franciscana, desde 8 de Setembro de 1986, data em que fez a primeira profissão religiosa. Foi ordenado sacerdote em 12 de Julho de 1992. Tem desempenhado várias funções dentro da Província Portuguesa da Ordem Franciscana, da qual já foi Ministro Provincial.

Licenciou-se em Teologia pela UCP (1990) e em Ciências Patrísticas (1994), pelo Instituto Patrístico *Augustinianum* (Roma). E 1998 concluiu o doutoramento em Teologia Patrística na Universidade Gregoriana (Roma).

É, desde 2000, professor na Universidade Católica Portuguesa e director da Revista *Didaskalia*. Tem vários livros publicados e numerosos artigos sobre o Cristianismo das origens e a Literatura patrística.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

1 – Antologias

- Poiesis, Em vários Volumes, Editorial Minerva, Lisboa 1999 ...
- I Antologia CEN, Edições LPB, Londrina 2004
- 2ª Antologia de Poesia & Prosa Poética, 2º Centenário da morte de Bocage, Lisboa 2005
- Terra Lusíada, Antologia Poética Internacional, Editora Zeni Leal, Curitiba 2005
- Prosa & Verso, Palavras Azúis, Vol. 4, Nova Letra, Blumenau 2005
- II Antologia CEN, All Print Editora, São Paulo 2006
- Colectânea Poética, Espontâneos de Natal, Maria Melo Editora, Lisboa 2012
- O Arauto de Bocage, Jornal bimestral, Ano XV, Tertúlia Poética Ao Encontro de Bocage, Lisboa
- Il Convivio, Revista Italiana Trimestral de Arte e Cultura, Ano XIV, Castiglione di Sicilia, 2013

3 – Livros de Autor

- Mensageiro Cantante, Canções e Baladas, Maria Melo Editora, Lisboa 2013
- Liras do Meu Canto, Textos poéticos, Maria Melo Editora, Lisboa 2013
- Monte Alverne, Poética Seráfica, Maria Melo Editora, Lisboa 2013

4 – Sítios de Internet

- Atelier Poético, <http://facebook.com/atelierpoetico.frassino>
- Canto de Frassino, www.frassinomachado.net
- Canto do Parnaso, www.ocantodoparnaso.blogspot.com
- Facebook.com, <http://facebook.com/frassinom>
- Farol Poético, <https://www.facebook.com/groups/540955839256030>
- Jardim de Orfeu, www.jardimdeorfeu.no.sapo.pt
- Tertúlia Poética, <https://facebook.com/pages/tertulua-poetica-ao-encontro-de-bocage/129017903900018>

5 – Contactos

GMAIL – machadofrassino@gmail.com

HOTMAIL – machadofrassino@hotmail.com

INDICE GERAL

DEDICATÓRIA	1
PREFÁCIO, Frei Isidro Lamelas, ofm	2
INTRODUÇÃO	3
I – IRMÃO FRANCISCO	4
Francisco – Espelho de Cristo	5
O chão do Alverne	6
Meu irmão lobo	7
A tentação do Alverne	8
S. Francisco e a Oração	9
O Cântico de S. Francisco	14
Deus – Criação – Poverelo	16
Meu Irmão Sol	18
Balada de S. Francisco	19
II – O ÓSCULO DO LEPROSO	20
A Génese Franciscana	21
O Sonho de Francisco	23
A Aurora Seráfica	36
Corolário contemporâneo	40
Carta de S. Francisco ao Leproso	42
III – NAS SENDAS DE ASSIS	46
Montariol, meu Alverne	47
Acróstico Memorial	48
Rua dos Mártires	49
Alverne da Alma	50
Desta Fraternidade	52
Acróstica	53
O Mestre partiu a Obra ficou	54
Vai Frassinio	55
Sonetilho a Frei Davide	56
IV – VIAGENS NO SÉCULO	57
O Crosse da rebeldia	58
A Légua da Nazaré	59
As águias de Montejunto	60
Corrida para a vitória	62
Na Terra dos Sovietes	63
V – CARISMA DO POVERELO	64
Carisma literário	65
O Santo Peregrino	66
Antero destróado	67
Antero versus António	68
Antero de Quental	69
Antero, Cristo e Bonaparte	70
Antero visionário	71
Monte Alverne anteriano	72

Antero & os Outros	73
A Voz do silêncio	74
Senhora da Manhã	75
Árvore Poema	76
Balada da Saudade	77
Columba Pacis	78
Em nome do Pai	79
Habemus Homo	80
Repto ao novo Papa	81
Francisco, o Mondadeiro	82
A zurrapa do Conclave	83
Lux Fraternitas	84
Luz serena	85
O homem feliz	86
Este é o Dia desejado	88
Festas Populares Olissiponenses	89
Balada do pobre	90
O falcão Peregrino, acróstico	91
Poetas que marcam	92
Quo vadis, Abril?	93
Arte da Música	94
Flaxe de mim	95
Eu, professor, me confesso	96
A Montanha da Saudade	97
Montanha minha	98
A defesa da Montanha	99
O gostar de ser Quem sou	100
Simão Pedro	101
Refugiados 1	103
Refugiados 2	104
A medida do Amor	105
Deus não dorme	106
Amores dispersos – I	107
Amores dispersos – II	108
Ode às lágrimas da Alma	109
Alma Mater, pequeno ser	110
A Lição de Ratzinger	111
O Romeiro da Anatólia	112
Meu amigo, meu irmão	113
De Greccio para o Mundo	114
Hoje é Natal	115
O irmão Russo	116
As máscaras do Mundo	117
Benfica fica bem	118
Nota final do autor	119
Sumula biográfica	120
Bibliografia do autor	121
ÍNDICE GERAL	122

(Texto para a Contracapa)

BALADA DE SÃO FRANCISCO

Amanhã

*O irmão Sol vai de novo nascer,
A irmã Água vai de novo correr,
O irmão Fogo uma vez mais
Vai arder...*

*E cada homem,
Teu irmão,
Continua a sofrer
Esperando por ti,
Num abraço de paz,
Numa palavra de amor:*

*São Francisco,
São Francisco –
Irmão de tudo quanto
Deus nos deu:
Da pedra da montanha,
Do espinho e da flor,
Da avezinha do céu,
Do frio e do calor!*

*SÃO FRANCISCO,
SÃO FRANCISCO!*

Amanhã

*A irmã Lua vai de novo voltar,
A irmã estrela vai de novo brilhar,
A irmã noite uma vez mais
Vai reinar...*

E cada homem...